

Marcelo Bruel de Aguiar

A MISTERIOSA MINA ABANDONADA



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

SE EU TIVESSE TEMPO,

Se eu tivesse tempo, daria tempo ao tempo
E recuperaria os tempos de que perdi,
Tornando-os inesquecíveis.

Se eu tivesse tempo,
para fazer o tempo parar,
Aproveitar cada instante
como se não houvesse mais tempo.

Se eu tivesse tempo para parar, refletir,
desfrutar cada momento
Falar para as pessoas mais íntimas
O quanto elas são importantes, únicas.

Ah! Se eu tivesse tempo...
para poder fazer tudo ao mesmo tempo.
Para aproveitar cada instante da vida,
do tempo. Mas, de uma coisa eu sei,
tudo seria, de fato,
Diferente se eu tivesse mais tempo.

A MISTERIOSA
MINA
ABANDONADA



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

Marcelo Bruel de Aguiar

A MISTERIOSA
MINA
ABANDONADA

Passo Fundo
Projeto Passo Fundo
2018

Projeto Passo Fundo

Página na internet: www.projetopassofundo.com.br

e-mail para contato: projetopassofundo@gmail.com

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

Creative Commons Atribuição-CompartilhaIgual 4,0 Internacional;

Para ver uma cópia desta licença, visite:

http://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/deed.pt_BR ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, California, 94041, USA.

Revisado pelo autor em: 19/10/2018

A283m Aguiar, Marcelo Bruel de

A misteriosa mina abandonada [recurso eletrônico] /
Marcelo Bruel de Aguiar. – Passo Fundo : Projeto Passo
Fundo, 2018.

6,5 Mb ; PDF.

ISBN 978-85-8326-372-2

Modo de acesso: World Wide Web:
<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Literatura brasileira. 2. Ficção brasileira. I. Título.

CDU: 869.0(81)-3

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

SUMÁRIO

- CAPÍTULO 1
UMA VISITA INESPERADA - 7
- CAPÍTULO 2
A CHEGADA À MINA - 13
- CAPÍTULO 3
A MALDIÇÃO DA ARANHA - 19
- CAPÍTULO 4
AS ARMAS DO PODER - 23
- CAPÍTULO 5
SURPRESAS NO LABIRINTO - 27
- CAPÍTULO 6
CURA INSTANTÂNEA - 31
- CAPÍTULO 7
O AMIGO FANTASMA - 35
- CAPÍTULO 8
O ATAQUE ARACNÍDEO - 41
- CAPÍTULO 9
O GRANDE SALÃO DE RELÍQUIAS - 45
- CAPÍTULO 10
O ESPELHO QUE NÃO REFLETE - 49
- CAPÍTULO 11
O RETORNO DE AISHA - 53
- CAPÍTULO 12
O ESTREITO DA VÍBORA - 57

CAPÍTULO 13	
O HIPOGRIFO E O ALAZÃO ALADO	- 61
CAPÍTULO 14	
À PROCURA DO JOVEM BÁRBARO	- 65
CAPÍTULO 15	
A REUNIÃO DE ARAMIL	- 69
CAPÍTULO 16	
REENCONTROS	- 73
CAPÍTULO 17	
A REUNIÃO NO SALÃO CINZENTO	- 77
CAPÍTULO 18	
O ANTÍDOTO	- 81
CAPÍTULO 19	
O CONFRONTO	- 85
CAPÍTULO 20	
O RESGATE	- 89
CAPÍTULO 21	
REVELAÇÕES DE MORGANA	- 93
CAPÍTULO 22	
O COLAR MÍSTICO	- 97
CAPÍTULO 23	
ACONTECIMENTOS INESPERADOS	- 101
CAPÍTULO 24	
O CUBO DE CRONOS	- 105
CAPÍTULO 25	
A FÚNEBRE DESPEDIDA	- 109
CAPÍTULO 26	
DE VOLTA AO LAR	- 113
CAPÍTULO 27	
O ARMARINHO SOB A ESCADA	- 117
CAPÍTULO 28	
A GRUTA DA LAGOA	- 121
CAPÍTULO 29	
COMO TUDO TERMINA	- 123

CAPÍTULO 1

UMA VISITA INESPERADA

Era mais um daqueles dias chuvosos de verão, ouvia-se relampejos pelo céu escuro e atordoado da pequena cidade de Preciosa onde nas ruas empoçadas pela água da chuva registrava-se passos em direção a casa de Max e Guto aos quais se encontravam sozinhos, sentados no sofá da sala comendo pipoca salgada e assistindo a séries de suspense com pavor nos olhos e concentrados com uma certa cena inquietante sobre um ataque alienígena, quando de repente, as luzes se apagaram juntamente com um trovão repentino que surgiu em seguida.

— Guto, fique aí vou pegar as velas!

O celular de Max vibrando sobre a mesa de estar deixou uma mensagem de texto.

— Toc! Toc! - Olá! Tem alguém em casa?

Então ele acendeu o candelabro e foi em direção a porta com o coração acelerado pelos trovões atordoantes que ouvia e a abriu.

Max tem pele clara, cabelos e olhos castanhos e é considerado um garoto intelectual. Seu irmão é quase igual a ele, exceto pelo cabelo que é crespo e cheio.

— Olá! Prazer em conhece-lo, meu nome é Samantha. Serei a babá de vocês este final de semana. – Se apresentou uma garota loira e toda encharcada pelo temporal, ela tinha um belo sorriso em seu rosto rosado.

— Olá! O prazer é todo meu. Sou Max e aquele é o Guto, meu irmão caçula. Entre, Sinta-se em casa!

A garota entrou com seu guarda-chuva de cor amarelo cádmio e o colocou ao lado da porta.

— Desculpe a demora meninos. Além desse temporal parece que ficaremos sem luzes, afinal. Anoitecerá daqui a pouco, precisamos nos acolher e iniciar o nosso jantar.

Samantha era linda. Alta, esbelta, loira e de olhos azuis, sua pele era clara e sua voz delicada, estava vestindo uma camiseta cor de rosa e calça jeans.

Logo anoiteceu e Joe também chegou. Ele era o melhor amigo de Max, e colegas de classe também. Chegou dos Estados Unidos aos três anos de idade sendo um ano mais velho, um tanto magricela, de pele clara, cabelo curto, escuro e um tanto rebelde, seus olhos eram verdes e ele tinha tendência a gostar de aventuras e esportes radicais.

Então todos sentaram na sala, enquanto o jantar estava sendo feito.

— Li sua mensagem Joe, também não vi a Suri durante o dia. Tínhamos ficado de fazer algo juntos mas...

Novamente a campainha soou sem parar, então Max foi abrir as pressas. E olhando, exclamou surpresa:

— Suri! – Continuou — Como vai? Bem... Entre. Parece tão... – o garoto viu a cara de desespero da sua amiga e preocupou-se. – Bem, é melhor você entrar.

Suri era uma garota meiga, com cabelos ruivos e lisos até o ombro, tinha quinze anos, seus olhos eram verdes e estava vestindo calção azul-marinho com uma camisa amarela e tênis esportivo. Morava próximo a Max, o qual gostava muito dela, mas era meio tímido para expressar seus sentimentos. Sua expressão aparentava certo desespero, parecia assustada. Então foram se reunir aos outros na sala.

Então ela disse num tom de apelo:

— Me ajude! A babá lá de casa sequestrou meu irmãozinho, levou-o em direção àquela mina abandonada, na mata. Nico só tem sete anos, Max, deve estar com muito medo agora.

— Calma! Eu imagino sua aflição, nós iremos ajuda-la. Vamos resgatá-lo. — Disse, decidido. – Não é Joe?

— Conte conosco. – Respondeu.

— Mas e a babá? – Lembrou-os Guto.

Max pensou e então respondeu:

— Quanto a isso, teremos de pensar em alguma coisa. Mas Guto, prefiro que fique aqui com a Samantha. Eu me preocupo com você, não gostaria que nada de mal te acontecesse.

— Mano, eu vou junto. Quero ajudar também.

— Deixe-o ir conosco. – Disse Joe.

— Só se não sair de perto de mim, certo? Aconteça o que acontecer.

— Certo. – Respondeu o menino satisfeito.

Na cozinha a babá indagou em voz alta:

— Max, quem é?

— Nossa amiga, ela...

O garoto não conseguia pensar em algo convincente para dizer naquele instante. Era noite, chovia. Como iria simplesmente falar que sua vizinha veio lhe pedir ajuda para salvar seu irmãozinho de uma babá malvada.

— Ela o quê? – Perguntou Samanta.

— Esta é Suri, veio me dar aulas de reforço em matemática. Terei prova semana que vem e preciso de umas aulas extras. – Improvisou Guto.

— Ah, minha nossa! Max vá buscar uma toalha. Suri pode pegar uma gripe assim. Entre. Prazer em conhece-la, meu nome é Samantha. Bem, o jantar está quase pronto.

Então, subiram as escadas e foram todos para o quarto para elaborar um plano para saírem sem serem vistos pela babá, o plano parecia bom.

No jantar, a garota ruiva tentava disfarçar seu nervosismo, pois Samantha olhava-a preocupada a todo instante.

— Está se sentindo bem?

— Sim. Deve ser o banho de chuva que levei a pouco.

— Vou pegar uma aspirina para você, já volto. – Disse a babá, ausentando-se da mesa por uns instantes.

Guto se virou para ela e pediu:

— Tente manter a calma. Logo, iremos atrás de seu irmão.

— Ela está voltando! – Alertou Joe.

— Prontinho! Aqui está. Tome-a, vai se sentir melhor.

— Obrigada!

Max colocou sua mão direita sobre a dela e disse:

— Vai ficar tudo bem, eu prometo. — E olhando nos olhos dela, sorriu com uma piscadela.

— Está na hora de dormir pessoal! — Interrompeu a babá. — Suri, você vai dormir no quarto de visitas, eu durmo noutra. — Falou para todos.

No quarto dos meninos, eles já haviam escondido lanternas, cordas, capas de chuva e outros equipamentos úteis para o resgate de Nico dentro de suas mochilas, assim também haviam feito no quarto onde Suri iria passar a noite.

Max e os garotos conversavam em voz baixa arquitetando um plano.

— Então o plano é sair pela janela deixando travesseiros por baixo das cobertas sobre a cama para dar a impressão de estarmos dormindo? — Indagou Joe.

— Isso mesmo. — Respondeu Max, determinado.

— Mas, e quanto à Suri? Ela estará em um quarto separado. Como saberá o momento exato da fuga, temos que marcar um horário para nos encontrar. — Alertou Guto.

— Já falei com ela sobre isso no hall. Reuniremo-nos às dez horas, nos fundos da casa. Desceremos pela janela com uma corda. Tudo cautelosamente. É claro!

— Então vamos torcer para que dê tudo certo. — Disse Joe.

O tempo passou depressa, já eram quase dez horas, e Suri não chegava ao encontro deles.

Joe impaciente perguntou:

— Você não acha que ela está demorando um pouco?

— Sabe, estou começando a ficar preocupado.

Guto os alertou:

— Olhe, o quarto dela está com a luz acesa. Estranho... não combinamos deixar a luz apagada?

De súbito a voz da babá soou ao lado deles, dizendo:

— A garota me contou tudo, meninos. Como pretendem entrar naquele lugar? É loucura irem até lá sozinhos. — Disse ela, que continuou falando:

— Meu irmãozinho Kevin tinha a idade do Nico quando desapareceu, já se passaram dois anos desse ocorrido. Minha família não acreditou em mim quando havia contado o que aconteceu. Tentamos salvar o Kevin naquela noite, mas aquela baba vestida com uma capa escura e encapuzada corria rápido demais e também estava chovendo muito naquela noite. Toda vez que me lembro disso, também penso em voltar lá.

E então Samantha começou a choramingar.

— Sabe, ela também sequestrou Nico, ajude-nos.... Quem sabe seu irmão ainda está lá! — Disse Suri.

Samantha refletiu por alguns instantes e respondeu:

— Ok! Está bem. Por saber como se sente e pelo fato de meu irmão poder estar vivo irei ajuda-los, mas antes vamos visitar um velho amigo meu, o único que voltou da mina abandonada, o Sr. Russel. Ele poderá nos auxiliar nesse resgate.

— Uau! – Se surpreenderam os garotos. – Ele deve ser alguém muito esperto e aventureiro!

— Então o que estamos esperando? Vamos lá! — Falou Suri, animada.

Assim os garotos saíram de casa, todos equipados com suas mochilas e guarda chuvas seguindo para a casa do antigo amigo de Samantha.

Chegando à casa do Sr. Russel, ela apertou a campainha na presença de seus amigos:

— Ding! Dong!

— Já estou indo! — Respondeu uma voz longínqua.

A porta se abriu rangendo e surgindo um homem alto, forte, de olhos azuis, pele clara e cabelo grisalho, perguntando aos jovens:

— E então, o que vocês querem a essa hora em minha casa?

Aí a garota se destacou dentre os outros dizendo:

— Martin, não lembra mais de mim? – Perguntou com um sorriso.

O homem refletiu, após disse surpresa:

— Samantha! Como você cresceu, deve estar com dezoito anos agora, suponho.

Ela respondeu:

— E o senhor deve estar aproximadamente com uns quarenta embora aparente boa forma.

— Obrigado! – Você está muito linda e esbelta. Que saudades de ti garota! Venha cá e me dê um abraço forte. E então os dois amigos se envolveram num caloroso e receptivo abraço.

Vamos, entrem! – Convidou de bom grado.

Após entrarem, a garota apresentou-os a seu amigo e contou-lhe o sucedido.

O homem ouviu tudo, atentamente. E após disse:

— Escutem bem o que vou lhes contar, volta e meia desaparece uma criança desse bairro, só eu e Samantha sabemos aonde são levadas e agora vocês também. Os outros não acreditam, dizem que é fruto da nossa imaginação...

A garota continuou:

— Quando Kevin foi levado de nós eu estava numa festa na piscina na casa de meus amigos, mas começou a chover, aí voltei para casa, havia deixado ele com uma babá. Quando estava perto de casa ouvi os gritos de Kevin pedindo socorro e então corri atrás e o resto vocês já sabem. Faz dois anos que ele desapareceu.

Sr. Russel começou a explicar:

— Meninos, fiquem sabendo, ao entrar na mina a passagem se fecha misteriosamente, como se algo invisível cobrisse a entrada da mina pelo lado de fora. É quase impossível retornar para fora quando entram, porém, eu descobri uma passagem que os levará para fora de lá. A mina guarda perigos, armadilhas, mistérios, criaturas horrendas. Tenham muita cautela e fiquem sempre juntos, a mina engana e ilude. Não a subestimem. E mais uma coisa, decidi que irei junto com vocês. Vão precisar de mim ao entrarem lá. Já estive lá uma vez e consegui escapar com vida. E Samantha, não se aflija, é possível que seu irmão ainda possa estar vivo. Tenha fé, acredite!

CAPÍTULO 2

A CHEGADA À MINA

No caminho pela aquela imensidão da mata escura a qual ecoava o crocitar de uma coruja assustada pelos recentes raios ensurdecidores do tempo enraivecido e úmido que assoviava o vento rustico dentre as arvores secas e disformes das quais davam uma aparência assustadoramente trivial e fantasmagórica, caminhavam em direção a mina e antes de chegarem Max curioso perguntou ao Sr. Russel:

— Senhor, como escapou daquele lugar?

— Meu garoto, o tempo nesse instante conspira contra nós! Se até o nascer do sol não sairmos de lá, ficaremos presos permanentemente. Existem regras naquela mina. Regras devem ser cumpridas, precisamos seguir andando. Posso contar num outro momento.

— Guto! Não tenha medo, ficarei perto de você sempre que precisar de mim. — Disse olhando para seu irmão, vendo que ele parecia meio assustado.

Então, chegaram todos no local desejado. A entrada estava lá, de frente a todos eles, esperando num silêncio perturbador.

Os meninos foram os primeiros a entrar naquele lugar lapido e escuro, deram alguns passos à frente quando de repente, o chão começou a suga-los.

— Oh não! Pisamos numa areia movediça, e agora Sr. Russel o que faremos? — Perguntou Max, demonstrando estar aflito.

Ele respondeu:

— Meninos, façam o mínimo de movimento que puderem.

— Samantha, Suri, peguem uma corda na mochila e nos alcance.

— Joe, pare de se mexer, senão seremos sugados mais rápido.

— Poxa! Sinto-me bem melhor agora. — ironizou o garoto, nervoso.

— Calma, senão a corda arrebentará. — Alertou Suri.

A corda não estava dando conta de tantas pessoas, a areia movediça estava os tragando para baixo muito robustamente, então a corda arrebentou e eles desapareceram em meio aquele cenário arenoso, Guto caiu em cima do Sr. Russel; logo, Max e Joe também sumiram.

— E agora, Samantha? Estamos sozinhas e perdidas, não dá para voltar e....

— Tente ficar calma! Precisamos ser fortes, pegue as lanternas e vamos prosseguir até acharmos eles e seu irmãozinho, certo?

Suri falou conformada:

— Ok! Vamos lá então!

Enquanto isso, no subsolo da mina, Max e Joe se levantaram espantados.

— Onde será que estamos Joe?

— Parece o subsolo da mina.

— Hei! Será que aqui tem aqueles elevadores antigos que os mineiros usavam para o trabalhar na mina e se transportar? — Perguntou Joe.

— Não sei, talvez tenha. Vamos tentar achar um. Que foi? Você está pálido.

Ele apontou as mãos tremulas em direção contrária ao amigo e falou gaguejando mostrando a figura medonha que vira:

— A...ar...aranha.

— Cara, sua fobia por aracnídeos nesse momento chega a ser cômica, se contenha!

— Mas, mas... é enorme!

Então Max virou-se rapidamente, e ao ver aquela gigantesca criatura começaram a correr em disparada atrás de em lugar protegido para se esconderem daquele ser monstruoso de quatro patas que os perseguiam impiedosamente.

Enquanto isso, no térreo da mina abandonada, as meninas prosseguiram caminhando nos tuneis úmidos e ecoantes a procura de seus amigos.

— Samantha, a luz de minha lanterna está ficando fraca. Você tem outra aí com você?

— Claro! Pegue a mochila, tem uma lanterna reserva nela.

— Veja! Uma passagem! Vamos ver do que se trata, talvez nos leve ao subsolo, os outros devem estar lá não é mesmo Suri?!

Ao virar para trás...

— Suri. Cadê você? Por favor, me responda! – Gritava Samantha apavorada. – Apareça!

Naquele mesmo instante em que Suri achou a lanterna, ao se levantar notou estar sozinha naquele corredor silencioso.

— Samantha, me espere! – Chamava Suri correndo com uma sensação angustiante de desespero.

Passado um tempo, Suri começou a se sentir cansada, então parou por uns minutos para recuperar seu fôlego sentando-se numa rocha que encontrou por perto.

Assustada a garota se perguntou:

— E agora? Como irei encontrar os outros, preciso manter a calma. – Disse a garota derrubando uma lagrima de seus olhos verdes e cristalinos.

Passado algum tempo, no subsolo da mina, Sr. Russel e Guto permaneciam desacordados com o tombo que levaram. De súbito, Guto acordou, olhando para os lados, notou que estava num lugar com alguns trilhos e carros de garimpagem empoeirados e cobertos de teias onde alguns estavam totalmente inutilizáveis. Naquele momento, sentiu um peso sobre seus ombros, e então se virou amedrontado:

— Ufa! Que susto Sr. Russel.

—Tinha que ver sua cara, Guto! – Disse o velho sorrindo.

— Nossa, eu não achei nenhum pouco engraçado. – Respondeu o garoto, serenamente.

— Está certo, desculpe! Afinal, não é hora para gracinhas. Mas estou apenas tranquilizando-o, ficar nervoso nessas horas não resolverá nada.

E sacudindo a poeira das calças, olhou para o lugar a sua volta e para Guto e continuou.

— Vamos lá garoto! Temos que encontrar o restante da equipe.

Pegaram as mochilas, abriram o fecho e com lanternas em mãos seguiram em frente à procura do restante do grupo para prosseguir com o plano.

— Olhe aquela neblina lá atrás! – Exclamou Guto. — Está vindo em nossa direção.

— Hei! Estou reconhecendo aquilo, é a Neblina da Juventude.

— E daí? — Perguntou Guto confuso.

Sr. Russel lhe respondeu de imediato:

— Essa neblina retardará sua vida, você pode deixar de existir, pois é apenas um menino ainda. Corra Guto!

Assim os dois começaram a fugir daquela densa nuvem cinzenta.

Foi quando o menino disse:

— Olhe Sr. Russel, um elevador de mineração. Vamos entrar nele, a neblina está se aproximando de nós muito rápido.

Sem pensar duas vezes, Guto correu em direção ao elevador com a esperança de que os levaria ao térreo.

— Guto, não vá! Não entre nele! – Alertou Sr. Russel preocupado, pois sabia que era perigoso. Porém, já era tarde. Guto já havia entrado no antigo e misterioso elevador.

— Venha logo, Sr. Russel!

Repentinamente, quando Sr. Russel foi para entrar a porta se fechou, Guto tentava abrir, mas não conseguia. Então o elevador subiu deixando o eco da voz de Guto distanciando-se dele.

Sr. Russel avistou ao longe uma entrada entre as paredes logo à frente e começou a correr da neblina. Porém ela era rápida demais, estava alcançando-o, então o engoliu. Ele não se deu por vencido e continuou correndo, pois já estava quase lá. E ao chegar, se jogou para o lado, escapando da neblina que continuou seguindo em frente até desaparecer na escuridão da mina.

— Essa foi por pouco! Nossa como consegui ser tão rápido assim? E nem senti muita dor ao me arremessar ao chão!

Olhando suas mãos, começou a passa-las pelo rosto, estava sem barba nem rugas. Parecia ter rejuvenescido, voltado aos dezessete anos de idade, quando foi à mina pela primeira vez com seus amigos desaparecidos.

Surpreso, gritava eufórico:

— Uhuu! Puxa vida, que ótimo ser jovem outra vez!

Depois de festejos longos lembrou:

— Guto. Eu preciso encontra-lo! Vou atrás dele agora mesmo, aquele elevador nos leva para lugares perigosos e desconhecidos, é muito traiçoeiro. – Refletiu Martin Russel.

Então pegou sua lanterna e prosseguiu naquele labirinto de rochas úmidas e empoeiradas com entradas a lugares estranhos, preocupado com Guto e ao mesmo tempo feliz em ter voltado a ser o jovem e aventureiro Martin.

CAPÍTULO 3

A MALDIÇÃO DA ARANHA

Por detrás de alguns rochedos disformes, em algum lugar da mina abandonada...

Joe perguntou assustado:

— Será que ela já foi embora?

— Teremos que verificar.

Então Max espiou por trás das rochas donde estavam escondidos, e não a vendo em parte alguma, aliviado falou sussurrando:

— Ufa, parece que despistamos aquele monstro de oito patas. Vamos aproveitar e sair logo daqui antes que ele volte.

— Max olhe atrás de você!

— Parece ser uma passagem, vamos adentra-la. É melhor do que ficar aqui. — Disse. — Não é mesmo?

E assim, ultrapassaram aquela estreita entrada encontrada pelo garoto e acabaram num lugar escuro e gélido inexplorado pelos meninos.

Joe pegou a lanterna e disse:

— Não estou gostando nada disso. Estou com uma sensação de que estamos sendo observados por alguém, e está quieto demais aqui.

De repente, surgiu num canto escuro daquele lugar uma silhueta estranha e medonha, com semelhanças aracnídeas.

Na hora levaram um susto, por causa da aparência, mas depois que se aproximou vagarosamente os garotos puderam ver que era apenas uma garota triste e infeliz, com partes de seu corpo com um formato aracnídeo.

Após os garotos se acalmarem a garota falou lacrimejando:

— Sei que estão com medo de mim, é normal ficarem assustados. Mas eu não morde tá legal! Não sou um monstro. Antes de ser esta aberração era uma garota humana também como todos vocês.

— Chamo-me Max e este é o Joe, desculpe-nos se a magoamos. Qual é o seu nome?

— Sou Rebeca. – Disse ela entristecida.

— E como ficou desse jeito? – Perguntou Max.

— Eu fui picada por uma aranha numa das passagens dessa mina. Ela era horrível, escura e peluda.

— Aquela criatura é enorme. Você poderia estar morta. – Falou Joe impressionado.

Rebeca continuou:

— Naquele tempo em que fui picada ela não era tão grande como está agora, porém um pouco menor embora ainda horrenda. – E Rebeca continuou — Num certo dia, eu, meu namorado e um amigo entramos nessa mina para explorar um tesouro que diziam que havia aqui dentro, porém nunca havia sido encontrado por ninguém. Mas não sabíamos que havia uma aranha dessas por aqui, quando nos deparamos com aquela criatura, começamos a correr rapidamente para escapar dela em segurança. Eu fui pega pela criatura, aí no caminho desmaiei e os outros continuaram. Quando acordei estava assim, essa horrível besta! – Falou Rebeca irritada. – Desde então, vivo aqui nesse lugar úmido e fechado sobrevivendo e me escondendo.

— Você disse tesouro? – Perguntou Joe, arregalando seus olhos. — Uau! Um tesouro aqui, imagina só!

Perguntou à garota:

— E você Rebeca, acha que tem algum tipo de antídoto para a picada dessa aranha?

— Tem sim, Max, mas não é bem um antídoto.

— E o que é? – Perguntou Joe, curioso.

— Eu estou amaldiçoada. Só volto a minha forma humana matando aquela criatura.

Os garotos se entreolharam, logo após disseram à garota:

— Iremos ajudá-la a se livrar dessa maldição Rebeca, não podemos deixa-la aqui se escondendo nesse lugar tenebroso e solitário.

— Como posso recompensá-los por isso?

Max respondeu, sorrindo:

— Bom, se quiser pode nos ajudar a encontrar meu irmão e meus amigos, Joe e eu nos perdemos do resto da equipe.

— Será uma tarefa difícil e perigosa matar a aranha, mas daremos um jeito de fazer isso. – Falou Joe com um tom mais encorajado para Rebeca, tentando anima-la.

Em outra parte, na mina, Samantha já havia atravessado a passagem na parede a qual localizaram. Viu que estava num cenário aterrorizante e colossal, com um ar sombrio e sórdido; logo em frente, avistou um labirinto com trepadeiras nas paredes velhas como ruínas, havia também arbustos altos e com os galhos secos e sem vida. Então deu meia volta para sair da sala e não encontrou mais a passagem, havia simplesmente sumido de lá.

Assustada, disse a si mesma:

— Infelizmente atravessar o labirinto é a única saída que vejo como opção nesse momento.

— Aqui! Samantha! – Gritava uma voz de longe.

— Guto, é você? Não sabe como é bom vê-lo.

O menino correu para abraça-la:

— Que bom lhe encontrar!

— O que houve, menino? Viu os outros? – Perguntou.

Guto explicou tudo que havia ocorrido. A neblina, o elevador...

— Elevador? – Perguntou Samantha.

— Sim, fugindo da neblina que encontramos entrei nele, aí ele se fechou o Sr. Russel não conseguiu entrar a tempo. Então o elevador me trouxe aqui e sumiu de repente.

— Bom, de qualquer modo estou feliz em lhe ver. – disse Samantha. — Eu e Suri também nos separamos.

E continuou:

— Estávamos tentando encontra-los, quando me virei para dizer algo a ela, já não estava mais comigo. Tentei encontra-la, mas não a vi mais. Então eu vi uma passagem na parede da mina, entrei e acabei vindo parar aqui.

— Nossa! Isso é um labirinto? – Perguntou Guto, boquiaberto.

— Sim. E parece que vamos ter que atravessá-lo.

Ela alertou Guto:

— Olha, haja o que houver, não se afaste de mim.

— Certo. – Respondeu o menino com um aceno concordando com sua amiga de cabelos loiros.

CAPÍTULO 4

AS ARMAS DO PODER

Samantha e Guto caminhavam cautelosamente até chegarem a um labirinto de aspecto colossal localizado a frente dos dois. O lugar onde se encontravam naquele momento era, de fato, sinistro, possuía diversas entradas donde podia-se se perder com muita facilidade. Antes de seu início havia uma grande mesa detalhada com uma aparência muito antiga, prateada e toda ramificada, com armas, objetos e várias outras relíquias. — Guto, não vá lá!

Mas o garoto já havia se aproximado da mesa.

— Veja só esta marreta! – E segurando-a em suas mãos continuou – que estranho, sinto uma força inexplicável quando a seguro. Vou leva-la comigo! Afinal de contas, podemos precisar dela nesse lugar onde estamos. – Disse Guto.

— Quanto a isso você tem toda razão. – Concordou a garota se aproximando da mesa, pois aquilo acabou chamando a sua atenção também.

Samantha avistou uma caixinha aveludada com detalhes bordos e abriu para ver o que havia dentro.

— Que lindo pingente! – Disse a garota segurando-o.

E junto ao pingente havia uma cartinha que dizia:

— “Para desaparecer segure-o firme e solte se quiser reaparecer.

Ao acabar de ler aquelas palavras rolou aos seus pés um pequeno frasco azul que lhe chamou a atenção e segurando-o em suas mãos, leu inquietamente e falou:

— Olhe, achei este pequeno frasco.

— E diz o quê? – Perguntou o menino, curioso.

— Está escrito CURA INSTANTÂNEA.

— Mas isto cura o que exatamente? – Indagou.

Samantha não soube responder a questão, pois não havia mais nenhuma informação escrita no pequeno frasco. Mas achou melhor levar mesmo assim apenas por precaução.

— Vamos seguir em frente Samantha, agora estamos prevenidos.

Enquanto isso, Martin, apoiado numa rocha, pensava numa maneira de achar Nico e quem sabe até Kevin, e unir o grupo a tempo de sair da mina, pois sabia onde ficava a saída. Lembrou então na possibilidade de a babá sequestradora de crianças ter desaparecido com o Nico para uni-los às outras crianças que foram raptadas, pois diziam que existia um homem cruel que escravizava-as com o intuito de sempre conseguir mais ouro no garimpo.

Naquele instante, soou uma voz conhecida ao seu lado:

— Nossa, é você mesmo! Martin, como veio parar aqui? Pensei que havia escapado. – Interrogou alguém próximo a ele.

— Quem está aí? Apareça! – Falou Martin confuso.

— Não se lembra de mim? Ah, me desculpe! Eu devo estar em minha forma invisível.

E assim a voz tomou forma, porém transparente.

— É você? Que felicidade em revê-lo, amigo! – Disse Martin, surpreso e ao mesmo tempo perplexo.

Hugo era um fantasma que embora quase transparente notava—se sua aparência gordinha e desajeitada. Tinha o cabelo e olhos escuros e seu nariz era de formato arredondado como uma pequenina batata.

Então Martin continuou:

— Mas você havia morrido.

— Não exatamente. Estou condenado a ficar vagando por aí até um dia ser enfim libertado. – Contou.

— Como assim?

— Eu realmente morri naquele acidente no dia da fuga, mas minha alma ficou presa aqui no interior desse local. — Explicou ao amigo.

— E quanto as outras crianças?

— Continuam aqui, em algum lugar da mina, porém até agora não vi nenhuma delas. — Disse pensativo. — Devem estar bem escondidas.

— Martin, vou ajudá-lo a encontrar seus amigos. Eu posso atravessar paredes, os acharemos mais rápido dessa forma. E aquele garotinho, o Nico, ele não está com a Morgana. — Disse.

— O Nico está com você?

— Sim, eu o vi correndo assustado e então o socorri.

— E onde ele está agora? — Perguntou ansioso.

— Ele está comigo. Ele é um menino muito simpático! E também corajoso, nem se assustou quando me viu. — Disse o fantasma. — Eu o escondi num lugar seguro. Venha! Vou leva-lo até ele.

No térreo, Suri estava sentada quando sentiu a rocha mover-se até que a derrubou e então, levantando perguntou assustada:

— Ei, o que está havendo?

— Como assim? — Respondeu uma espécie de tatu com formato rochoso. — A senhorita me usa como banquinho e quer saber o que tem de errado.

— Ora, desculpe-me, que vergonha! Não o tinha visto, eu estou exausta e precisava sentar um pouco.

— Desculpas aceitas. A propósito, me chamo Rock. Você parece perdida, quer ajuda?

— Sim Rock, preciso encontrar os meus amigos. Separamo-nos a pouco. — Explicou. — Você me ajudaria a reencontra-los?

— Claro! — Respondeu o tatu-rocha. — Onde foi a última vez que os viu?

A garota refletiu e respondeu:

— Minha amiga falou de uma passagem numa parede a poucos metros daqui.

— Conheço várias passagens nesse lugar. Poderíamos começar por lá então.

— Ótimo, então vamos logo! Precisamos nos apressar para isso. — Pediu Suri.

E então os dois seguiram aquele caminho pelo qual elas se separaram anteriormente.

CAPÍTULO 5

SURPRESAS NO LABIRINTO

Nas proximidades do labirinto, Samantha e Guto estavam andando cautelosamente quando ouviram passos de cascos próximo a eles, semelhantes aos de um equino, do outro lado daqueles paredões velhos e ramificados. Assustados, se apressaram e começaram a andar com rapidez para chegar logo à saída do labirinto.

A criatura desconhecida, num tom furioso perguntou:

— Quem está aí? Sinto cheiro de humanos!

Guto disse:

— Samantha, aconteça o que acontecer nós somos alvos fáceis. Precisaremos pensar em alguma coisa rápido.

Uma sombra surgiu no gramado surrado.

Samantha levantou a cabeça gritando:

— Guto, corra! É um centauro.

E então a figura mitológica os seguiu com galopadas, berrando faminto com um bastão em mãos:

— Comida! Comida!

Guto tropeçou numa pedra em sua frente e caiu. Lembrando da marreta que achou, pegou-a de seu cinto e segurou-a e levantando no ar bateu-a com toda sua força no chão provocando um tremor grande o suficiente para fazer o centauro se desequilibrar caindo, dando mais tempo para fugirem dele.

— Nossa! Guto, você fez isso?

— Sim. Também estou surpreso com o ocorrido. Mais surpreso ainda por ver que um ser mitológico estava nos atacando. Como? Centauros não existem. — Continuou Guto.

— Lembra o que o Sr. Russel nos alertou. Criaturas horrendas. — Samantha lembrou — Vamos, precisamos encontrar a saída desse lugar o mais rápido possível.

Enquanto isso, em outra parte da mina, Suri prosseguia com Rock a caminho da passagem que Samantha havia comentado a ela momentos antes.

— A passagem! Samantha estava comentando sobre uma passagem mais ou menos por aqui. — Mencionou Suri.

— Ótimo, então agora estamos perto de encontrá-la. Dê-me apenas alguns minutos para isso.

No labirinto, Guto disse:

— Faça o que aquela cartinha que você achou dizia, Samantha. Fique invisível, assim aquele monstro não poderá te machucar.

— E quanto a você, Guto? Não vou lhe deixar aqui sozinho com esse monstro.

— Está bem, então vamos continuar, temos que encontrar a saída, depressa! Não quero virar jantar para centauro. — Falou o garoto.

No caminho, uma voz suave veio em direção a eles. Era uma jovem de pele clara, olhos verdes, com cabelos loiros e trançado com uma tiara de ramos, vestes azuis com tons diversificados e com detalhes ramificados e que levava um arco consigo.

E então falou:

— Olá! Não tenham medo, me chamo Aisha, sou uma elfa guerreira. E vocês, como se chamam?

— Eu sou Samantha e ele é o Guto.

— Argos está perseguindo vocês?

— Aquela criatura? É, está sim. Vocês são amigos? — Perguntou Samantha insegura.

A elfa respondeu sorrindo:

— Claro que não! Somos rivais, Argos é um centauro que preferiu as trevas à luz, e se voltou contra mim e o povo da aldeia. Mas e vocês, o que estão fazendo aqui?

— Estamos tentando ultrapassar o labirinto. Aisha, por acaso você conhece a saída? – Perguntou Guto.

Ela respondeu:

— Vocês estão com sorte meus caros jovens. Vou leva-los até ela antes que ele os encontre.

— Parece que já nos encontrou, ele está bem atrás de você. – Avisou a garota de cabelos loiros e longos.

Enfurecido, o centauro ordenou a elfa:

— Devolva a minha comida, Aisha. Imediatamente, se não quiser conhecer minha fúria!

— Não Argos! E eles não são “comida”. – Aisha gritou com audácia. – Corram! Eu vou ter uma conversinha a sós com ele.

Samantha respondeu:

— Não iremos deixar você, vamos ficar aqui!

Naquele momento, Samantha sentiu que precisava ser determinada e corajosa pois estava numa situação onde ela teria que auxiliar alguém e proteger outra pessoa. Teria que ser forte e espirituosa.

O centauro disse à elfa guerreira com frieza em sua voz:

— Então decidiremos lutando quem ficará com elas.

— Suponho não haver outro modo. – Falou a elfa se posicionando para a luta. — Então vamos lá! Que comece a batalha.

CAPÍTULO 6

CURA INSTANTÂNEA

Enquanto isso, Rock e Suri conversavam nos corredores da mina abandonada...

— É por aqui. Agora precisamos quebrar essa parede.

— Mas como faremos isso?

— Garota, esqueceu que sou feito de rocha sólida. Apenas se afaste um pouco, por questão de segurança.

Após ele socou a parede com seus punhos rachando até deruba-la, ultrapassaram e surpreenderam-se vendo um centauro hostil lutando com uma elfa jovem e esbelta que mirando com seu arco, atirava flechas reluzentes em direção ao centauro que segurava consigo um bastão enorme.

Suri disse:

— Olhe, é a Samantha e o Guto caídos no chão. Eles estão em apuros, temos que ajuda-los depressa! – Disse a garota para o tatu—rocha que desapareceu de súbito. – Rock! Onde você está?

Ela correu em direção de seus amigos para oferecer apoio.

Ao ver a sombra do tatu-rocha sumindo dentre as paredes do labirinto, Aisha se distraiu. Com isso, Argos aproveitou a situação e arremessou a elfa para longe com seu bastão que caindo no chão ficou desacordada. O arco escapou de suas mãos no momento da queda.

Samantha viu sua amiga e sorrindo, correu ao seu encontro de braços abertos, falando:

— Que bom revê-la, fiquei preocupada contigo.

— Você viu Max e os outros? – Perguntou Guto ansioso para rever seu irmão.

— Não, sinto muito. – Respondeu a garota cabisbaixa.

Samantha rapidamente alertou o menino:

— Cuidado! O centauro está vindo.

Naquele instante, Suri determinada ordenou a todos:

— Abaixem-se!

E o centauro corcoveando em direção ao menino, levantou suas patas pronto para pisoteá-lo. E então, Suri mirando no coração dele com seu arco, acertou-o em cheio. E assim ele caiu morto.

— Parabéns! Que mira excelente você possui. – Elogiou Guto.

— Obrigada! Eu faço aulas de arco e flecha. – Disse a garota com uma pose de arqueiro.

— Hei pessoal! – Chamou o menino. — A elfa não está acordando, acho que a queda foi muito forte para ela.

Samantha lembrando-se, disse:

— Aquele frasco lembra, dizia CURA INSTANTÂNEA. Vamos dar a ela poderá ser útil agora.

Ao derramar o líquido do frasquinho, escorrendo sobre a boca de Aisha fez com que a elfa despertasse aos poucos abrindo seus olhos azuis e vividos. Os seus ferimentos foram se regenerando. A elfa se levantou e agradeceu a Samantha pela sua ajuda e bondade.

Vendo Argos morto disse:

— Bem amigos, agora que a tarefa se cumpriu poderei retornar para casa mais tranquila e sossegada. Mas antes irei leva-los até a saída do labirinto, como prometido.

Enquanto isso Martin seguia seu amigo fantasma ao encontro de Nico, que estava escondido num pequeno espaço entre as paredes da mina abandonada.

— Nico, olhe quem eu trouxe para vê-lo! – Falou o fantasma aparecendo ao menino magricela e moreno de olhos negros e pele pálida.

Martin entrou na caverna e disse:

— Que bom vê-lo menino! Sou eu, o Sr. Russel, seu vizinho.

— Estou surpreso e meio confuso, você parece jovem. O que aconteceu? – Perguntou.

— Vamos, precisamos encontrar os outros. Hugo vai nos ajudar. Eu explico tudo no caminho, ok?

Enquanto isso, no labirinto, Aisha e os outros chegaram à saída.

A elfa olhando para Suri, disse:

— Bem, é aqui. Mas antes da despedida quero dar a você meu arco élfico com o qual derrotou o centauro, salvando a todos. Esse arco é dotado de infinitos feixes de luz. Eu agora não precisarei mais dele, vou voltar para meu povoado para dar a notícia da morte de Argos.

— Puxa, obrigada! – Agradeceu a garota.

E a elfa, olhando para os outros, disse:

— Vocês dois podem levar as armas do poder que encontraram, serão de grande serventia para todos vocês em sua jornada. E levem o frasco também, nunca se sabe se irão precisar, não é mesmo?

— Obrigado! – Falou o menino contente.

Assim, Samantha e os outros se despediram de Aisha. Uma grande porta dourada se abriu e eles, ao entrarem por ela ouviram a voz suave da elfa se distanciando deles.

— Boa sorte a todos vocês!

Depois da porta se fechar, Samantha disse aos outros:

— Ninguém acreditaria na gente não é mesmo?

— Parece que voltamos nos corredores da mina abandonada. – Analisou o garoto.

— Pessoal, vamos lá! Temos que andar depressa para achar os outros e reunir o grupo para sairmos logo dessa mina antes que amanheça. — Lembrou a garota ruiva.

E assim começaram a busca pelos seus amigos, pois tinham apenas algumas horas para sair da mina a tempo segundo o planejado.

CAPÍTULO 7

O AMIGO FANTASMA

Enquanto isso Max e os outros procuravam ansiosamente pelo restante do grupo.

No caminho, ele e Nico também estavam correndo contra o tempo para se unir aos outros.

— Amigos, tentarei achá-los usando meus dons fantasmagóricos e vocês fiquem aqui me aguardando. Não demoro! – Disse Hugo, vagando de parede a parede numa tentativa de encontrar os garotos.

Numa certa distância à frente, Suri e Guto ficavam imaginando onde poderiam achar seus irmãos, e se estavam bem naquele momento.

Samantha notou que aparentavam estar preocupados e tristes e então disse:

— Acredito que não haverá problema algum se gritarmos pelo nome deles.

— É. — confirmou a garota.

Assim começaram a chamá-los ecoando alto pelos da mina os nomes de seus amigos quando, de repente, uma voz que se aproximava perguntou:

— Eu ouvi Nico?

— Isso mesmo, quem está aí? – Interrogou Suri.

E a voz, materializando-se respondeu:

— Meu nome é Hugo, e amigo dele também. Você deve ser a Suri, certo?

— Sim. Como sabe meu nome?

— Ele me falou de você. Eu o salvei da babá malvada e o deixei a salvo num lugar seguro no subsolo.

Samantha então falou mais tranquila:

— Bem, vamos lá pessoal! Não podemos perder muito tempo por aqui.

— Mas como iremos para o subsolo? – Perguntou Guto pensativo.

De súbito, Samantha sentiu um vulto parando ao seu lado e alarmou aos outros, assustada.

Quando o vulto parou, Guto falou contente:

— É o elevador que me levou até você, talvez nos leve ao subsolo também.

— O nome dele é vem-e-vai. Chegou em boa hora. – Disse Hugo. – Vamos pessoal, entrem nele!

Assim, todos entraram, torcendo para que parassem no lugar desejado.

Enquanto isso, no subsolo, eles aguardavam seu amigo fantasma chegar.

— Olhe Nico, é um elevador! Será que... – começou a refletir Martin.

O elevador se abriu e aí ele saindo falou:

— Olá, pessoal! Vejam quem eu trouxe comigo.

Nico correu para abraçar sua irmã com lágrimas de felicidade nos olhos. Suri conseguiu finalmente encontrar seu irmãozinho depois de tanto tempo separados pela tragédia do ocorrido.

Guto notou aquele garoto estranho e perguntou:

— Quem é você?

— Sou eu, o Sr. Russel.

— Fala sério! – Falou Samantha espantada.

Então ele explicou o ocorrido.

E você viu Max e Joe? – Perguntou a garota ruiva.

— Não. – Respondeu ele com um gesto de lamento.

— Não se preocupe. — Disse Martin. — Vou achá-los.

E continuou:

— Estamos perto da saída por onde fugi pela última vez. Guto, você confia em mim? – Perguntou, olhando nos olhos do menino.

— Sim. – Respondeu ele com firmeza.

— Obrigado! – Agradeceu – Significa muito para mim, garoto.

Então ele se virou e começou a dizer a todos:

— Vamos até a saída desse lugar e então direi o que faremos a seguir.

O grupo então o seguiu.

Enquanto isso Max, Joe e Rebeca, andando, pensavam em uma maneira de achar seus amigos quando a sombra daquela criatura, a qual já conheciam aproximava-se deles, e então começaram a correr em busca de um refúgio seguro.

Martin e os outros chegaram a um lugar escuro, iluminado apenas por suas lanternas. Havia uma escada feita com rochas, logo acima um buraco no fim dos degraus rochosos e escorregadios devido à umidade da caverna subterrânea.

— Foi aqui que Hugo e você se separaram? – Perguntou Samantha a Martin.

— Sim, e foi aqui, embaixo desse rochedo que Hugo morreu ao escorregar nos degraus. – Respondeu ele, olhando para o amigo, tristonho.

— E Samantha, fiquei vagando todo esse tempo aqui na mina até alguém conseguir fugir. Bom, aí achei Martin e vocês, e agora finalmente minha alma, desde então aprisionada, poderá ser libertada. – Disse à garota.

Martin pediu a todos que o ouvissem, e então começou a contar seu plano:

— Samantha, Suri, Nico e Guto, vocês vão. Eu decidi ficar para resgatar Max, Joe e também procurar por Kevin.

— Isso é possível? – Perguntou Guto, confuso.

Hugo, interrompendo, disse:

— Na verdade, sim. No caminho quando estávamos à procura de vocês comentamos sobre isso.

— É. Hugo nos falou de uma outra saída que ele ouviu comen-

tar, fica num salão em algum lugar dessa mina, mas será mais difícil, porém é o único jeito de salvar os outros.

— Você se esqueceu do pôr do sol. — Lembrou Samantha.

— Não se preocupe com isso! Essa passagem parece ser diferente, não se preocupem com o nascer do sol. — explicou ele. — Eu decidi salvá-los, e assim farei.

Então começaram a subir a escadaria rochosa e escorregadia, era perigoso, porém tinham que ir até o fim para escapar daquele lugar com vida e a salvos.

— Primeiro os menores. — Lembrou Samantha.

O primeiro foi Nico, foi rápido. Após foi Suri.

— Vamos Guto, agora é sua vez. — Falou Martin.

E então o menino lembrou:

— Salve-os, e fujam daqui, está bem? — Disse. — Vou esperar por vocês. Boa sorte!

— Obrigado. E não se preocupe, eu prometi a você encontra-los e vou cumprir a promessa! — Falou com determinação para o menino.

Samantha se direcionou a ele dizendo:

— Fique com este pingente, ele te proporcionará a invisibilidade ao usá-lo pressionando nas mãos e desejando estar invisível. E também pegue este frasco de cura instantânea, por fim leve consigo esta marreta que provoca tremores que Guto achou. Serão de grande precisão para você.

— Obrigado Samantha. E você também Guto.

E Suri gritou lá de cima:

— Vou jogar meu arco élfico, ele o ajudará. Segure-o!

Eles se despediram de Martin e antes de subirem as escadas rochosas ela pediu ao amigo:

— Encontre o meu irmão, por favor. E então subiram com cuidado a escadaria rochosa, para conseguir concluir sua chegada até a saída ilesos.

E então Hugo falou ao amigo:

— Bem, então é isso! Obrigado por me libertar, meu amigo.

Hugo começou a andar em direção da luz e no último instante, acenando, disse:

— Sei que conseguirá escapar daqui. Adeus!

E assim sua alma sumiu clareando toda a caverna. O rapaz chorava, pois aquela seria a última vez que viria seu amigo novamente.

Lá de fora os outros gritavam:

— Tome cuidado Martin! Iremos ficar aguardando por vocês.

Amanheceu e a saída novamente foi bloqueada por um manto invisível.

Martin ao ver-se sozinho novamente pôs o pingente, colocou o arco élfico em suas costas e a marreta sísmica com a qual ganhava uma incrível força em um cinto que utilizava, e assim começou a busca por seus amigos perdidos e por Kevin, protegido pelas armas dadas pelos seus amigos. Tudo poderia acontecer daqui pra frente naquele lugar misteriosamente perigoso.

CAPÍTULO 8

O ATAQUE ARACNÍDEO

Max e os outros conseguiram despistar aquela enorme criatura a tempo escondendo-se numa minúscula área não explorada ainda. Era gélida, com o teto repleto de estacas pontiagudas e continha as paredes rígidas e úmidas.

No corredor, não muito longe dali, começaram a ouvir um eco acompanhado de uma voz conhecida que dizia:

— Max! Joe! Onde vocês estão?

A garota sorriu repentinamente. Sabia de quem era aquela voz, tinha certeza daquilo.

— Martin, é você? Sou eu, a Rebeca.

— Rebeca! É você mesma? – Perguntou perplexo. – Onde você está, meu amor?

Naquele instante, a criatura monstruosa e horripilante ouviu-o e encontrou o esconderijo onde os garotos estavam escondidos. Por sorte ela era grande demais para ultrapassar a entrada daquele lugar onde se encontravam, então ela acabou entalando, agitando—se com suas oito pernas pelo ar.

— Você está sozinha? – Perguntou Martin em voz alta e ecoante.

— Não. Estou com Max e Joe. – Respondeu – Eu os encontrei perdidos.

— Eles estão com você?

— Sim, por quê? Você os conhece?

— Conheço sim.

— Nos ajude! — Pediu Joe.

Martin, vendo a aranha atacando-os, segurou o pingente em suas mãos e desejou ser invisível e assim tornando-se invisível mirou com o arco élfico na parte traseira daquela criatura fazendo-a gemer de dor e ficando agitada com isso. Então segurou a marreta e bateu-a no solo em direção da aranha provocando um tremor sísmico que fez com que a entrada desmoronasse em cima da aranha, matando-a aos poucos. Enquanto isso, dentro da pequena caverna as estacas do teto começavam a cair, deixando os garotos em perigo.

— Rebeca, cuidado! – Jogou-se Joe salvando a garota de uma das estacas que a taxava de cima.

— Nossa! Obrigada. – Agradeceu a ele, levantando—se do chão.

— Vamos para o canto da caverna, rápido!

Com a entrada cheia de rochas e aquela aranha gigante morta, a garota começou a sentir-se fraca e desmaiou caindo no chão brusca-mente.

Depois de algum tempo, acordou. Já não havia mais as patas peçonhentas, nem ferrão, apenas uma garota alta, formosa, pele pouco morena, de cabelos negros e olhos verdes, que aparentava ter a idade de seu grande amor, Martin.

— Nossa, você é muito mais bonita assim! – Falou Joe simpaticamente.

— Acabou! Não acredito nisso. Enfim, a maldição foi desfeita, mas quem matou a aranha?

Dentre um espaço aberto naquele excesso de rochedos respondeu Martin:

— Fui eu Rebeca, que bom te ver, meu amor. Que saudades, nunca pensei que poderia te ver novamente, disse lacrimejando e olhando fixamente nos olhos de sua amada.

— Martin, pensei que nunca mais o viria novamente. – Falou a garota com lágrimas de alegria escorrendo de sua face rosada.

Então Max perguntou:

— Você é o Sr. Russel? Está jovem de novo. Mas como isto é possível?

— A Neblina da Juventude me trouxe num momento anterior ao se separar de seu irmão.

— E ele e os outros? – Perguntou.

— Estão a salvo nesse momento, todos fora daqui. — Respondeu, enquanto abraçava sua amada, feliz e satisfeito pelo reencontro.

A garota falou a Martin:

— Como é bom estar contigo outra vez, foi muito corajoso nesse ato realizado. E aproximando-se num clima romântico, beijaram-se.

— Pessoal, a cena está linda! Mas estamos confusos.

— Isso mesmo. — Concordou Max com o seu amigo.

— Desculpem-nos! É a saudade, sabe. — Explicou a garota.

Martin sentou junto dela e começou a falar:

— Eu, Rebeca e nosso amigo Hugo já estivemos aqui quando jovens para explorar a mina atrás dum certo tesouro. Porém, sabíamos que era protegido por uma criatura jamais vista pelo homem, mesmo assim resolvemos explora-lo. Naquele tempo, tínhamos sede de aventura. E foi naquela noite que tudo deu errado, estávamos fugindo dessa aranha gigante, indo direto até a saída.

— Aí a aranha me atacou, picando-me. No caminho, me perdi deles e tive que viver aqui, até então, com o tempo fui me transformando numa espécie de garota aracnídea. — Interrompeu Rebeca. — Porém, agora Martin quebrou a maldição, matando a criatura e me trazendo de volta ao normal.

E ele continuou:

— Logo ao chegarmos à saída, percebemos a ausência de Rebeca dentre nós e com isso pensamos que havia sido morta pela criatura. Então Hugo e eu, correndo contra o tempo, prosseguimos. Estávamos subindo os degraus de uma parede rochosa e escorregadia que nos levaria a um pequeno buraco o qual dava para fora da mina abandonada. Foi aí que Hugo sofreu um acidente ao escorregar caindo do alto da escadaria num monte de rochas, e assim morrendo. Eu lamentei muito tudo aquilo tudo, mas o tempo era curto demais e tinha que sair da mina antes do amanhecer. É por isso que fui o único que consegui escapar de lá.

— Mas como vamos fugir daqui agora? — Perguntou Joe.

— Reencontrei o fantasma do meu amigo, que morreu na mina, e antes de ele ir, falou-me que havia outra saída, uma espécie de passagem, num salão, sobre a qual ouviu a babá comentar certa vez. Mas teríamos que ter cuidado.

Rebeca, encabulada, perguntou:

— Martin, onde conseguiu essas armas?

— Ah! Já estava me esquecendo disso. Max, você fica com a marreta, ela provocará tremores sísmicos e lhe dará uma incrível força. Joe vou lhe dar o arco élfico.

— Arco o quê? – Interrompeu o garoto.

— Este é um arco feito por elfos, é encantado, não precisa de flechas. – Explicou Max. – Eu estudo mitologia de vez em quando, comentou sorrindo.

Olhando para Rebeca, retirou do pescoço o pingente da invisibilidade e deu-lhe a ela, falando:

— Tome, use isto, ao segurá-lo, deseje ficar invisível e assim ficará. Ajudará em momentos de precisão.

— Obrigado! Mas e quanto a você?

Eu me arranjo. E afinal, estarei com vocês.

— Bem, agora que está tudo explicado e estamos com estas armas para nossa proteção, que tal irmos à procura desse tal salão? Não aguento mais continuar aqui. – Disse Joe a todos.

— Ninguém deseja sair daqui mais do que eu. – Disse Rebeca, com ar de determinação. — Vamos lá!

CAPÍTULO 9

O GRANDE SALÃO DE RELÍQUIAS

Após alguns instantes caminhando, os quatro garotos sentaram para descansar por alguns instantes. Já haviam caminhado um bom tanto e nada de encontrarem salão algum naquele lugar.

E então, Max ouviu um gemido que falou resmungando:

— Quem ousa sentar em mim? Será que não se pode dormir sem ser incomodado?

Então ele subitamente deu um salto perguntando:

— Quem está aí?

— Apareça de uma vez por todas!

Foi aí que aquele rochedo no qual havia sentado começou a se erguer dizendo:

— Olá meu rapaz, sou eu, pode me chamar de Rock.

Rebeca viu que não havia maldade em seus olhos e então, curiosa, perguntou a ele:

— Você mora aqui há quanto tempo?

— Já faz muito, muito tempo. Conheço esse lugar como a rachadura de meu casco. – Respondeu.

— Desculpe por sentar em você. Foi mal mesmo! – Disse Max cabisbaixo.

— Tudo bem, garoto. Dessa vez passa. Afinal, não é a primeira vez que isto acontece comigo. – Respondeu sorrindo. – E você é muito simpática mocinha.

— Obrigada! Pode me chamar de Rebeca. Esse é Martin e aqueles Joe e Max. Estamos à procura de algo muito importante para nós.

— Rock, você pode nos ajudar em algo? – Perguntou Martin.

— Claro, posso sim. – No que poderia ser útil a vocês, garotos?

— Precisamos encontrar um salão, ele guarda uma passagem que nos levará de volta para casa.

— Sigam-me!

Então começaram a segui-lo em busca do salão com a finalidade de encontrar uma nova saída para casa.

Após algum tempo de caminhada Rock disse:

— Bem, lá está a entrada para o salão onde vejo quase sempre uma estranha encapuzada entrando com uma criança como vocês. Nunca entrei, não sei bem o que há lá dentro, mas sei que com certeza não é boa coisa. Sempre depois de um longo tempo, a moça com capa sobre a qual falei sai e logo volta com outra criança raptada.

— É a Morgana, a babá do Nico. – Lembrou Max com expressão de desprezo.

— Muito obrigado, Rock! – Agradeceu a Martin. – Agora é com a gente! Vamos lá pessoal!

A porta era enorme, feita de ouro maciço e no topo havia uma frase que parecia uma charada dizendo “O que sempre é bom ter ao lado quando se está sozinho e inconsolado?”, todos se entreolhavam e pensavam numa resposta para aquilo tudo.

— O que poderia ser a solução para esse enigma? – Perguntou Rebeca ao tatu-rocha. – Hei! Gente, o Rock sumiu!

— Deve ter ido embora. Vai ver ele não gosta de despedidas. – Falou Joe.

Foi aí que Max gritou:

— Eureka! É isso: “Amigos”, essa provavelmente deve ser a resposta.

Então a grande porta do salão começou a abrir-se vagarosamente. Todos eles ficaram em posição devida de espera. Foi aí que levaram uma grande surpresa.

O salão não era bem o que esperavam que fosse, havia apenas relíquias e para a surpresa deles, o baú do tesouro que tanto queriam encontrar estava realmente lá dentro num canto escuro e craterioso.

— Bem, o tesouro está aqui, mas, e quanto as crianças? Não consigo entender onde podem estar. – Disse Martin, confuso caminhando de um lado para o outro.

— Vai ver acabou o expediente! – Falou Joe num tom ironicamente descontraído.

— Cara, não é o momento para ser sarcástico!

— Foi mal, Max!

Naquele exato momento, Rebeca estava admirando o que estava guardado no salão, afastando-se dos outros. Havia todos os tipos de relíquias, objetos raros e preciosos, armas antiquíssimas, e, dentre outras coisas, um espelho que chamou a atenção da garota, pois não refletia sua imagem, ela viu um monstro com braços compridos, olhos amarelos, robusto, pelos escuros como a noite e horrendo a encarando. Então ao se virar para chamar Martin, de súbito, ele com suas garras puxou-a para dentro do espelho empoeirado fazendo a garota desaparecer completamente sem dar tempo de pedir socorro a seus amigos.

Refletindo Max perguntou a si próprio:

— Se a aranha gigante não era a guardiã do tesouro, quem é então?

— Cadê o guardião do baú? – Perguntou Joe curioso.

— E eu é que sei! – Exclamou Max.

— A aranha gigante já está morta. – Lembrou Martin. – Nada mais guarda o tesouro, ele é nosso pessoal!

De súbito, surgiu um pequenino ancião com uma barba que chegava ao chão, cabelos e olhos brancos, orelhas pontiagudas como as de um elfo, pés peludos e sua roupa estava surrada. Segurava em sua mão direita uma velha lamparina.

— Hei! Você é um cavernícola, por isso estava invisível, para se proteger das ameaças. Mas porque está aqui? – Max perguntou curioso.

— Meu nome é Klaus rapazinho, estou guardando o baú do tesouro. E vocês, o que estão fazendo aqui?

— Como assim? Então você é o guardião? – Perguntou Joe.

— Claro que sou ora essas. Sou um cavernícola, guardar tesouro de minas antigas é meu trabalho.

— Nisso ele tem razão. – Confirmou Max.

— A aranha gigante era apenas um monstro, então... – sussurrou Joe para o amigo, que com um gesto concordou.

Joe se dirigiu ao pequeno ancião e perguntou meio sem jeito:

— Será que podemos levar um pouco do seu tesouro?

— Claro!

— Sério? – Perguntou o garoto.

— Claro... Que não!

— Vejo que sua lamparina está um tanto usada, poderíamos trocar um pouco de seu tesouro por essas lamparinas que na nossa terra chamamos de lanternas e elas duram muito tempo. E então, aceita?

Klaus pensou e disse:

— Sua proposta é tentadora. Realmente, minha lamparina está mesmo velha. Veja bem, eu realizarei a troca. Mas só se for por três delas.

— Certo! Então está feito, aqui estão elas. – Disse Joe lhe alcançando as lanternas.

— Bem, podem pegar parte do tesouro. – Disse o cavernícola satisfeito com a troca.

Joe, Max e Martin pegaram as mochilas e começaram a enchê-las.

Ao terminar de encherem suas mochilas, Martin se virou para ver se Rebeca já havia terminado de encher a sua também e então notou que ela havia sumido dali. Desesperado, seu coração batia em disparada, pois não queria perder mais uma vez sua amada.

Joe perguntou ao cavernícola:

— Klaus você viu a garota que estava conosco? Klaus? Ele sumiu.

— Martin, eu estou com um mau pressentimento sobre isso. Um cavernícola só desaparece se sente que está em perigo. – comentou Max.

Joe voltou-se para Max e perguntou:

— Como assim, nós estamos em perigo?

Preocupado Martin disse aos dois:

— Vamos vasculhar tudo agora mesmo. Rebeca precisa de nós, onde quer que ela esteja.

O ESPELHO QUE NÃO REFLETE

Naquele mesmo instante, começaram a procurar peças que poderiam dar alguma pista a eles. Joe não pensava em nada senão chamá-la pelo nome, e Martin, por sua vez, ficou atraído pela ideia de Rebeca ter sido levada por um espelho grande e empoeirado que havia achado nos arredores, pois não refletia, o que era muito estranho e intrigante.

— Max olhe esse espelho antigo que eu encontrei, ele não possui reflexo de quem o vê. O que acha disso?

— Curioso... muito curioso. Penso que poderia ser uma espécie de passagem ou algo parecido.

— Como um portal? — Interrogou Martin.

— Exatamente.

— Espere um pouco. — Disse Joe. — Se for isso mesmo, as crianças também devem estar lá!

— É claro! Isso faz sentido. — Concluiu Martin. — Precisamos passar pelo espelho. Com certeza alguma coisa deve ter levado Rebeca quando estávamos distraídos.

Joe olhou para trás e os alertou:

— Olhe o perigo aí!

— É aquela neblina que me pegou antes! Vamos pessoal! Passem pelo espelho, é nossa única saída. — Falou Martin.

Então foram em direção ao espelho e entraram sem pensar duas vezes. Ao ultrapassarem o artefato, miraram seus olhos para aquele panorama indescritível. Havia vales, florestas, pântanos, uma paisagem

panorâmica incrível e surreal. Mas o que chamou mais a atenção deles foi um castelo medonho ao longe, com arvoredos secos e sem vida que o cercava.

— E agora? Que lugar será esse? – Perguntou Joe.

— Deve ser uma espécie de mundo secreto ou algo assim. – Respondeu Max perplexo. – Vejam aquele castelo. Tenho uma forte intuição de que encontraremos Rebeca e as crianças lá.

De repente uma voz soou:

— Olá! Vocês são visitantes?

— Quem pergunta? Onde está? – Interrogou Martin olhando para os lados sacudindo a cabeça de um lado para o outro.

— Aqui em baixo. Olá! Eu me chamo Gomo. E vocês, quem são?

— Olhem! É um gnomo. Fascinante! – Analisou o garoto. — Olá! Meu nome é Max e esses são Martin e Joe.

Ele era um gnomo gentil, meio baixinho e barrigudo, com nariz arredondado e pés grandes e peludos, usava vestes alaranjadas com um cinto verde oliva. Segurava sempre uma bengala de madeira e usava um gorro vermelho.

— Onde estamos?

— Vocês estão em Lumuslândia. A Terra da Luz!

— Que nome estranho para um lugar tão sombrio. – Disse.

O gnomo, com um ar de infelicidade, falou:

— Vocês têm toda razão. Acompanhem—me por favor, devem estar com fome.

— Estamos sim. – Responderam simultaneamente, sem recusa.

Chegando na casa de Gomo, que tinha um formato de um grande cogumelo roxo, entraram e comeram o que foi oferecido pelo gnomo. Depois de saciados, Martin perguntou:

— Gomo, você não viu, por acaso, uma humana mais ou menos com minha altura, morena, com cabelos negros e olhos verdes, é nossa amiga, nós a perdemos há pouco.

— Não a vi, sinto muito mesmo. – Respondeu ele cabisbaixo. Pois, acabo de chegar da floresta.

Joe perguntou:

— Você deve conhecer bem esse lugar, não é mesmo?

— Sim. Por quê?

— Já viu se alguém trouxe humano como nós para cá antes?

O gnomo se aproximou e perguntou amedrontado:

— Como a conhece?

— Quem, Morgana? – Perguntou Max.

— É. Ela é a irmã do Mestre das Trevas. Eles estão acabando com nosso mundo, como estão vendo.

Martin falou ao gnomo:

— Não se preocupe, não somos aliados dele, se é o que está pensando. É que nós estávamos à procura de uma passagem que nos levasse para casa quando então acabamos parando aqui. – Explicou.

— Entendi. Nossa que alívio! Pensei que fossem amigos dele. Este mundo nem sempre foi assim, vazio e mórbido com criaturas medonhas. Antes dele aparecer e aliar-se à Macabro, o grande troll, nós, gnomos, duendes, elfos, hipogrifos e muitas outras criaturas mágicas vivíamos felizes e em plena harmonia, a natureza era vivaz e bela. Agora quase todos o temem.

E Gomo continuou:

— Escutem, mais a frente há um caminho que os levará a uma floresta onde, entrando, encontrarão um vilarejo de elfos. Falem que são meus amigos e eles os acolherão e os ajudarão no que procuram.

Os três garotos agradeceram a ele pela acolhida em sua moradia e então se despediram da pequena figura. E assim iniciaram a busca por Rebeca e as crianças naquele lugar descoberto através do espelho, começando pela visita ao vilarejo dos elfos.

CAPÍTULO 11

O RETORNO DE AISHA

No caminho do bosque, Max não pôde deixar de perceber que Martin estava se sentindo culpado por perde-la de vista no salão de relíquias, então disse, consolando-o:

— Sabe, não consigo entender como aquele gnomo não avistou ela. Pois quem deve ter a levado também passou pelo espelho assim como nós passamos.

— Será que o Gomo disse a verdade para nós? – interrogou Joe.

— Não. – Respondeu de súbito uma elfa linda, jovem e esbelta que surgiu da mata. – Sinto muito, mas ele mentiu, porém não teve culpa, foi obrigado a fazer isso. O Mestre das Trevas o ameaça de fazer mal a seu filho Dodge se falar onde esconde os seus escravos.

— De onde você surgiu? Por acaso estava nos seguindo?

Ela respondeu:

— De forma alguma. Estava indo para casa, agora que minha tarefa foi concluída.

— Mas quem é você, afinal? – Perguntou Martin.

— Sou Aisha, uma elfa guerreira que habita esse reino, e vocês?

O garoto respondeu:

— Chamo-me Martin e estes são meus amigos, Joe e Max. Estamos procurando por nossa amiga, alguém a trouxe para cá. Achamos que a levaram para o castelo do titulado Mestre das Trevas.

Aisha mirou os olhos para Joe e disse:

— Belo arco, assim como o dono dele!

Ele ficou corado ao ouvi-la dizer aquilo daquela forma tão galanteadora.

— Muito obrigado! Nossa amiga Suri nos deu para nos defendermos. — Respondeu.

— Suri, uma ótima arqueira. Eu a conheci. Muito corajosa devo dizer. Matou Argos, o centauro. Então o dei de presente para ela. Onde está ela?

— Suri e os outros felizmente conseguiram voltar para casa. Precisamos encontrar a passagem para voltarmos também. — Respondeu.

— Irei auxiliá-los nisso! Suri salvou minha vida, devo isso a ela. Sigam-me! Vou levá-los ao meu povoado e apresentá-los à Aramil, nosso sábio e líder dos arqueiros elfos.

O vilarejo dos elfos era um lugar encantador, alojavam-se em cabanas no alto de árvores grandes e floridas. Aquela parte parecia não ter sido afetada pela escuridão que pairava a Terra da Luz. Havia vários elfos como Aisha, com arcos de batalha, outros eram elfos cantores e tinha também elfos baixos, porém como os outros. Numa grande árvore habitava o elfo da luz, Aramil, era para lá que Aisha estava os levando, ao entrar havia um elfo com cabelos negros, alto, de pele clara, com olhos azuis e usava vestes verde-silvestres. Estava ao redor de uma esfera cheia de símbolos elementares com linguagens druidas a qual chamavam de “O Grande Olho”.

Então ele se aproximou e disse:

— Sejam bem-vindos a nosso vilarejo jovens humanos. Você com a marreta mágica deve ser o destemido Max, e você com o arco é o Joe, certo?

— Como nos conhece? — Perguntou Martin.

— Chamo-me Aramil. Sou o elfo da luz, eu possuo dons meu jovem, e prever é um deles o qual herdei de meus ancestrais. Conheço o passado, vejo o presente e consigo ver algumas coisas que poderão acontecer. Vocês não estão aqui por acaso, foram escolhidos para salvar nossa terra, das maldades e malefícios do Mestre das Trevas e seu aliado Macabro.

Três jovens humanos de nobres corações: um pequeno bárbaro, mas com uma grande coragem; um jovem arqueiro solidário e astuto e o garoto que vem de uma longa linhagem de Cavaleiros do Sol. Vocês

foram escolhidos para uma missão que livrará todos da Terra da Luz das forças malignas do Mestre das Trevas e de Macabro, o troll. Vocês têm que recuperar o cubo de Cronos que nos foi roubado, ele é muito perigoso em mãos erradas, precisam também os impedir de iniciarem uma batalha tramada contra nós, pois esta floresta é a única que ainda não foi tomada pela escuridão. Só assim tudo voltará ao normal, expulsando as trevas e os que dela vivem.

E então, vocês irão nos ajudar a salvar Lumuslândia?

— Aramil, seria uma grande honra para nós acompanhá-los nessa jornada, até porque nosso mundo, segundo me contou, também é prejudicado por ele. Porém tenho que encontrar minha amada. – Disse Martin.

— Meu jovem. Irei auxiliá-lo com isso, vamos até o Grande Olho.

E chegando a grande esfera, Aramil mirou os olhos e disse:

— Vejo alguém de capa surrada ao lado de uma cela escura com uma voz sussurrando seu nome, caro cavalheiro.

— É a Rebeca, e a estranha com a capa deve ser Morgana. O que mais você vê?

— Pequenos humanos, e habitantes de Lumuslândia sendo escravizados, estão cavando algo. Sinto cheiro de orcs.

— É isso! Esse é o plano deles, vão armar um exército de orcs para atacar seu vilarejo. – Concluiu Max – Só falta devastar esta floresta para o Mestre das Trevas e o troll Macabro liderarem esse mundo, não é mesmo, Aramil?

— Brillhante dedução meu jovem.

— Pois bem, iremos ajudá-los. Mas precisamos que nos ajudem a voltar para casa depois. – Pediu Martin.

— Certo, porém precisarei do cubo de Cronos para isso. Com ele, poderei abrir um portal que os levarão de volta. – Explicou Aramil.

— Certo! Vamos recuperar o cubo para você e impedir o Mestre das Trevas de reinar neste mundo.

— Será que eu poderia acompanhá-los Aramil? – Poderei guiá-los até o castelo sombrio.

— Sim, tem minha permissão, cara Aisha, agora vá pegar a armadura do nosso cavaleiro.

Então a elfa se ausentou por alguns minutos e após voltou com um arco para ela. E uma veste dourada de cavaleiro, feita por duendes, uma espada reluzente com um emblema do sol, guardada num cinturão verde escuro e um escudo feito com escamas de Dragão dourado, tendo em seu centro um sol como emblema.

— Tome! Esta é sua armadura, nobre cavaleiro. – Disse Aisha, entregando as vestes com a espada e o escudo a Martin.

— Bem, agora podem ir. – Disse Aramil. — Estão prontos.

Eles deixaram seus pertences com Aramil e saíram com a elfa, despedindo-se dele e dos outros elfos do vilarejo.

— Esperem por nosso retorno. Traremos Rebeca e o cubo de Cronos novamente. E não se preocupe, vamos deter os planos do Mestre das Trevas. – Falou Martin num ar determinado.

E assim, com um breve aceno de despedida os quatro foram em direção às florestas escuras e densas cientes dos perigos que teriam pela frente.

O ESTREITO DA VÍBORA

Durante a caminhada, os jovens defrontaram-se com uma trilha silenciosa e com o solo seco localizada entre duas elevações montanhosas, como uma fenda, pela qual teriam que passar cautelosamente naquele exato momento.

— Que é isso Aisha? – Perguntou Martin a elfa.

— É conhecida como o Estreito da Víbora.

— Hei, tem alguém nos seguindo. – Alertou o bárbaro.

Enquanto isso, no castelo do Mestre das Trevas...

— Mestre, Morgana retornou. – Informou um de seus guardas que protegiam o castelo sombrio.

O Mestre das Trevas aparentava ter o rosto muito pálido, seus olhos eram vermelhos como rubi, sua aparência era alta com dentes pontiagudos e era assustadoramente perturbadora. Vestia uma veste roxa com capa preta, usava um cinturão vermelho como seus olhos e possuía uma coroa de rubis em cima de seus longos cabelos negros. Trazia sempre consigo um cetro prateado dotado de poderes maléficos.

Morgana, com sua aparência alta, pele clara, de olhos verdes e cabelos negros, usando uma capa cinza, escura e surrada entrou na sala onde o Mestre das Trevas ficava em seu trono feito de ossos e disse brava:

— Foram aqueles garotos! Me seguiram até a mina abandonada atrás da criança a qual eu estava trazendo aqui. Aí tudo deu errado, o menino conseguiu escapar e....

— Chega! Sua incompetência me decepciona. Responda-me, como iremos saber se não descobriram a passagem secreta agora? E se eles estão aqui agora, hein?! Estragarão todo o meu plano. Responda-me! – Gritava zangado.

— Infelizmente, eles nos descobriram, mestre. – respondeu Macabro, entrando junto com uma humana. – Encontrei-a dentro do salão de relíquias.

Mestre das Trevas, sentado em seu trono, abaixou-se, fitou seus olhos encarando a garota e a interrogou:

— Não minta para mim, ouviu bem mocinha? Havia mais alguém com você?

Pensando em Martin e nos outros, que podiam estar a sua procura respondeu:

— Não, eu estava sozinha.

Então ele se virou para seu aliado Macabro e perguntou novamente:

— Você viu mais alguém com a intrusa?

— Não, mestre.

— Segundo Morgana, tinha mais crianças na mina, em todo caso tranque-a no calabouço. E Morgana, desta vez seja competente e cuide para que ela não fuja, precisamos ficar atentos. Agora vá! – Ordenou ainda furioso.

Ao fechar a porta, Mestre das Trevas e Macabro começaram a discutir.

— Você parou para pensar na profecia quando a trouxe para cá? Somente aquele que decifra as escritas marcadas na porta de entrada para o salão de relíquias tem passe livre a esse mundo. – Relembrou ao troll.

— Já era tarde mestre, estava ameaçando Gomo quando ela me viu, então tive que puxá-la para cá.

— E quanto àquele gnomo medroso?

— Não se preocupe mestre, falei a ele que nunca veria seu filhinho de novo se contasse a mais alguém o que tinha visto.

— Fez bem. Agora vá com Spector's contornar as proximidades para nos certificar de que a garota estava mesmo falando a verdade. Já!

— Certamente, mestre.

— Espere! Como está indo o processo da escavação? Os orcs já foram encontrados?

— Sim mestre, eles os encontraram. O exército está quase formado. É só uma questão de tempo.

— Excelente, agora vá!

Então Macabro e Spector's saíram do castelo sombrio em direção às florestas escuras, onde estavam em alguma parte adentro Martin e seus amigos.

E naquele momento...

— Vejam! Tem algo lá atrás daquele arbusto. – Falou.

— Minha nossa! — Exclamou Aisha surpresa.

Uma enorme serpente negra com seus olhos amarelos surgiu com sua enorme cauda deslizando pelo chão. Os garotos correram em direção da trilha de solo rachado e a serpente começou a rastejar atrás deles, Aisha tropeçou em uma pedra enquanto fugia quando então aquela criatura peçonhenta com sua cauda ricocheteando, envolveu a elfa e começou a enrolá-la para devorá-la.

Foi quando Joe pegou seu arco e preparando-se para usá-lo gritou:

— Oh, aberração! Tenho um presentinho para você.

E mirando na cabeça daquela imensa cobra feriu-a com sua flecha reluzente e veloz como a luz, afugentando-a para longe deles.

— Muito obrigada! – Agradeceu a elfa abraçando-o – Você me salvou.

— É amigo, você foi excelente! – Disse.

Martin, refletindo, falou:

— Aisha, esta é a víbora não é mesmo?

— Sim, a própria. Agora que ela está ferida poderemos atravessar a trilha em segurança.

— Bom trabalho, Joe. Matou a víbora e salvou Aisha. Agiu como um verdadeiro herói. – Disse o cavaleiro.

— Muito obrigado, amigo.

Aisha disse:

— Pessoal, temos que continuar agora. Pois, ainda teremos que atravessar o Vale Silencioso. É importante permanecermos sempre unidos.

O HIPOGRIFO E O ALAZÃO ALADO

Enquanto isso, no calabouço do castelo Rebeca pensava em uma estratégia para fugir dali quando alguém perguntou do canto escuro da cela donde ela estava:

— Quem está aí?

— Pergunto o mesmo. Não consigo vê-lo com nitidez.

E então, do fundo escuro da cela donde se encontrava surgiu um jovem gnomo com vestes azul claro e olhos esverdeados com um nariz arredondado e com um gorro vermelho vinho que disse:

— Chamo-me Dodge, sou um gnomo. O Mestre das Trevas e aquele troll perverso me separaram de meu pai e me trancaram aqui embaixo.

— Por quê fizeram essa crueldade?

— Eu e meu pai fomos forçados a trabalhar para eles durante muito tempo até que, certo dia eu me recusei a obedecer às ordens do Macabro e me prenderam aqui no calabouço. Eles proibiram meu pai de me resgatar, ameaçando acabar comigo.

— Nossa, mas que troll perverso. – Indignou-se a garota.

— E você, qual seu nome?

— Rebeca.

Dodge arregalou seus olhos e disse empolgado:

— Você é uma humana! Você está sozinha?

— Tenho amigos também, espero que me encontrem. Mas fica só entre nós está bem?

— Pode deixar! – Respondeu.

E a garota lembrou:

— Eu vi um gnomo como você, deveria ser o seu pai.

— Que bom, tenho certeza que sim! Nós guardávamos um tal portal que levava a uma sala pertencente ao Mestre das Trevas.

— Poxa, Dodge! Agora minhas esperanças de meus amigos me encontrarem aumentaram. – Disse ela contente com aquela informação.

Enquanto isso, Gomo estava colhendo frutas silvestres quando de repente ouviu a voz de um dos capangas do Mestre das Trevas e então se virou imediatamente.

— Ora, ora! Se não é o Gomo colhendo suas frutinhas. – Disse Macabro, ao lado de Spector’s, com um certo tom de ironia.

— O que você quer? Se for sobre os humanos que chegaram recentemente, prometi não falar nada sobre vocês. – Falou o gnomo assustado.

O troll olhou fixamente para o gnomo e o interrogou:

— Como é? Tinha mais de um? Onde estão eles?

— Eu não sei. — respondeu tremulo. – Eles partiram rumo a floresta.

— É só isso, mesmo? – Interrogou o troll, encarando-o com raiva.

— Sim.

O troll olhou para Spector’s e ordenou:

— Vá ao castelo e dê esta notícia ao mestre. Eu irei à floresta tentar encontra-los.

— Está bem.

Spector’s tinha a forma de uma sombra medonha e alada que pairava no ar com olhos vermelhos escarlate.

O gnomo viu que acabou falando o que não devia, e então pensou entre si mesmo: “Irei correndo avisar Martin e seus amigos logo que esse troll for embora. Eles estão em perigo por minha causa...”.

Pouco tempo depois, Macabro se foi, e então Gomo trancou sua casa e saiu em direção da floresta.

Entrando no vale, Martin e os outros andavam alertas, pois era um lugar perigoso, ao redor havia um rio com águas tão escuras que se assemelhavam a de um pântano. O silêncio não era um bom sinal.

De repente, Max sentiu algo frio e úmido segurando seu calcanhar no momento em que estavam atravessando o rio escuro. Olhou para baixo e avistou tentáculos emergindo das águas escuras. Quando se deu conta estava em apuros.

— Socorro! Ajudem-me! – Gritou ao ter os pés enlaçados pelos tentáculos que o levava para lá e para cá acima das profundezas aquosas.

— Martin, a espada! – Gritou Aisha.

— Socorro! Eu fui pego. – Gritava Joe sendo movimentado pelo ar como seu amigo pelo monstro marinho.

O garoto foi para acertar uma flecha élfica quando um dos tentáculos a retirou de suas mãos arremessando-o para longe, aquele ser marinho parecia ter inúmeros olhos em sua cabeça.

Martin começou a cortar os tentáculos daquela criatura com sua espada enquanto Aisha acertava flechadas. Então, Joe foi arremessado ao chão quando seu amigo cavalheiro decepcionou o tentáculo que o segurava.

Max por sua vez continuava preso ao monstro, batendo com sua marreta com toda sua força e os tentáculos dele naquele instante começaram a retornar para as profundezas um a um. Por sorte um alazão alado branco apareceu de repente voando em direção ao garoto e o segurando, salvou-o antes da criatura marinha desaparecer com ele nas profundezas do pântano.

Aisha logo reconheceu o animal e disse:

— Veja Martin, este é um alazão alado. Será seu companheiro de batalha.

— Fascinante! E se aproximando daquele animal branco, de pelos macios e lustrosos, agradeceu-o com um gesto.

— E vocês, estão bem?

— Estamos bem. – Obrigado Aisha. E Martin, seu alazão alado é muito sagaz, disse descendo dele. Já pensou num nome para ele?

— Seu nome será Solano.

O alazão relinchou com uma breve reverência.

Enquanto isso, Spector's chegou ao castelo sombrio e comentou com seu mestre sobre os humanos.

— Então aquela garota nos mentiu, hein! Pois bem, mesmo estando muito enfurecido com ela, é preciso que ela continue presa. E Macabro, onde está?

— Disse que iria atrás dos garotos, mestre.

— Fez bem, agora saia. Preciso pensar no que irei fazer com eles.

— Certamente, mestre. – Dizendo isso, o espectro se ausentou.

No vale, Martin avistou ao longe um clarão e disse aos outros:

— Vejam aquilo. Deve haver alguém lá, vamos!

Chegando lá, avistaram um hipogrifo com penas prateadas e olhos azuis cobalto que ao ver Joe fez um sinal de reverência e se pôs numa pose que dava a entender que era para monta-lo. Então o garoto subiu.

Aisha disse aos outros:

— Parece que meu senhor Aramil está mandando os seus guardiões mascotes para ajudá-los na missão.

— Que ótimo. Seja bem-vindo ao grupo, Jasper!

O animal animou-se.

— Legal. Olhe, parece que o hipogrifo gostou do nome.

Max pensou, ansioso: “Não vejo a hora de ter o meu. Como será que ele vai ser...”.

E então o cavalheiro interrompeu-o:

— Pessoal, daqui para frente vamos voando. Joe e Aisha irão com Jasper e Max irá comigo.

E então montaram em seus animais e voaram em direção ao castelo do Mestre das Trevas para resolver o empasse.

À PROCURA DO JOVEM BÁRBARO

Os garotos estavam voando pelo céu escuro de Lumuslândia. Estávamos quase ultrapassando os arvoredos da longa floresta que havia antes de chegar ao castelo sombrio quando surgiu um nevoeiro repentino, o alazão e o hipogrifo mal conseguiam enxergar a sua frente, porém continuavam a voar sinuosamente. Quando o nevoeiro começou a dissipar-se, Martin percebeu que Max não estava mais com ele, então fez sinal para Joe e Aisha descerem com ele na floresta.

— Como assim desapareceu? – Perguntou Joe, confuso. – Ele estava conosco agora pouco. Nós o ouviríamos pedir socorro, estávamos lado a lado.

— Foi o nevoeiro. – Disse Aisha. – Só pode ter sido. Os nevoeiros daqui são perigosos, mas e agora?

Joe sentou-se numa rocha grande e baixando sua cabeça perguntou:

— Estávamos indo tão bem antes desse... desse nevoeiro e... Tá legal, o que faremos agora?

Martin respondeu:

— Vocês irão na frente, eu vou voltar encontrar nosso amigo e...

— Mas Martin... – interrompeu a elfa – não devíamos nos separar.

— Iremos com você.

— Joe, vocês precisam continuar o que viemos fazer, certo? – Pediu. – Nós estaremos logo atrás. Só peço que tomem cuidado!

Então os arqueiros montaram no hipogrifo, e deixando Martin para trás para encontrar o bárbaro, levantaram voo.

Alguns minutos depois, no vilarejo dos elfos...

— Olá amigo! Já conheceu os jovens humanos? – Perguntou Gomo a Aramil.

— Ah, olá! Estava aguardando sua chegada. Já sei de tudo, não se culpe caro amigo. – Disse o elfo num tom paciente.

— Mas.... Como? Espere. Suas visões. Estou certo?

O elfo se aproximou do gnomo e falou:

— Vi que você sofre muito pelo seu filho. A amiga daqueles jovens guerreiros também está lá com ele.

— Guerreiros? Está falando da profecia?

— Sim, a profecia está se cumprindo em fim. Eles são os três humanos escolhidos para por um fim nos trames do Mestre das Trevas e assim trazer a luz e a harmonia de volta a nossa terra.

E continuou:

— Mandarei resgatarem a garota e seu filho, assim eles dois poderão fugir de lá em segurança.

— E quem será ele? – Perguntou.

— Rock, o tatu-rocha. Ele nasceu neste mundo, mas não se lembra disso por ter sofrido um acidente tempos atrás e ter parado fora daqui. Está resolvido, será ele que irá resgata-los, além do mais, ele e a garota já se conhecem. E você, Gomo, ficará aqui comigo. Não estará seguro lá fora, amigo.

Enquanto isso, nos confins da floresta...

— Max! Onde está você? Se puder responda! – Gritava Martin desesperado a procura de seu amigo.

— Estou aqui. – Respondeu Max surgindo dentre os arbustos.

— Que bom que está bem!

— É.

— Está bem mesmo? Parece meio rouco... E cadê sua arma do poder?

— Ah sim, deve ter caído durante a queda. – Respondeu o jovem.

— Poxa! Que bom que está bem! Vamos Max, os outros estão nos esperando.

E assim foram ao encontro dos seus amigos, quando uma voz soou atrás dos arbustos, que surgindo disse:

— Martin, ele não sou eu. Ele é o...

— Não Martin, não se iluda. Ele está tentando lhe enganar. — Avisou o outro.

— Mantenha distância, Macabro. — Disse Max. — Senão irei acabar contigo, estou avisando!

Martin confuso pegou sua espada e ficou pronto para proteger-se.

Olhou para Martin e alertou-o:

— Meu amigo, ele é o troll. Pense bem, só o verdadeiro escolhido tem a autoridade de usar a arma do poder, lembra?

— Ele está lhe enganando amigo, vamos! — retrucou.

Zangado, Max disse:

— Acha que sou burro, só um troll tem desses truques sujos. Você deve ter me visto caído no chão e aí copiou minha aparência para enganar meu amigo. — E então Max pediu ao cavalheiro. — Aponte a frente de seu escudo nele!

De relance Martin pegou seu escudo e apontou para o falso Max, reluzindo um clarão tão intenso que o troll não aguentando ver tanta luz cegando seus olhos, começou a mostrar sua verdadeira face e assim virou pedra.

— Poft! — Max bateu com toda força no troll petrificado com sua arma que o deixou em pedacinhos.

— Fala-me Martin, como teve tanta certeza de que eu era o verdadeiro Max?

E ele respondeu sorrindo:

— Só você conhece tanto sobre seres mitológicos, Max.

— Hei! Onde foi o Solano?

Naquele instante, no castelo sombrio...

— O nevoeiro pode ter atrasado um pouco aqueles jovens, no entanto terei que pensar em algo para acabar com eles... — refletia o Mestre das Trevas em seu trono.

— Mestre! — Abrindo a porta, apareceu Spector's comunicando. — Está tudo pronto! Os orcs só estão aguardando suas ordens para o ataque ao vilarejo de Aramil.

— Excelente! Spector's, chame Morgana e Macabro para uma reunião urgente. Agora!

O espectro desceu no calabouço e a avisou para ir à sala do mestre, após ele saiu atrás de Macabro.

— Você ouviu o que ele disse? Orcs atacando um vilarejo. – Falou Rebeca.

— É o vilarejo do elfo da luz, só pode ser isso. Ele quer dominar Lumuslândia. E agora...

Nisso sentiu-se um tremor no chão que começou a rachá-lo, surgindo um buraco subterrâneo.

E dentre toda a poeira formada pelo tremor, uma voz grossa disse num tom alegre:

— Mocinha simpática!

Rebeca surpresa perguntou:

— Rock, você por aqui! Como?

— Foi o elfo da luz, ele me trouxe para o vilarejo élfico e me explicou tudo o que está acontecendo e muito mais. Estou aqui para resgatá-los.

— Veja Rebeca, um túnel! Valeu grandão. – Agradeceu Dodge.

— Disponha. Agora me sigam, este túnel nos levará para fora do castelo.

Então os dois o seguiram enquanto Morgana estava ausente.

A REUNIÃO DE ARAMIL

Plainando sobre o céu nublado e acinzentado de Lumuslandia, Joe e Aisha avistaram ao longe o castelo sombrio e então pousaram nas proximidades para descobrirem uma maneira de entrarem despercebidos.

— Hei! – Exclamou uma voz conhecida vinda perto de um rochedo que começou a se erguer espreguiçando-se.

— Rebeca, é você mesma? Puxa! Que bom vê-la aqui! – Disse o arqueiro contente e surpreso ao mesmo tempo ao vê-la.

— Esta é minha amiga Rebeca. E após virando-se a elfa disse: - E esta é a Aisha, nos conhecemos a pouco.

— Prazer em conhece-la.

Rock se aproximou da jovem elfa e sorridente disse:

— E aí minha amiga, quanto tempo! Pensei que nunca mais a veria novamente.

— Espere aí, vocês se conhecem? – Perguntou o arqueiro confuso. – E como Rock veio parar aqui?

O tatu-rocha pediu que todos o ouvissem:

— Meu senhor, o elfo da luz, me mandou aqui para resgatar Rebeca e Dodge, do calabouço. Lembram de nosso encontro na mina abandonada? Pois bem, com a ajuda de Garad fui trazido de volta para o lugar a qual eu pertencço.

A elfa guerreira interrompeu, anunciando:

— Vejam, é o Solano! Mas onde estão os outros?

— Parece que ele quer que o sigamos.

— Você tem razão Dodge. Vamos atrás dele! – Disse o arqueiro, levando Jasper consigo.

Enquanto isso, no vilarejo dos elfos, Aramil e Gomo aguardavam as outras criaturas e seres mágicos para uma reunião com urgência. Ao mesmo tempo, no castelo sombrio, o Mestre das Trevas e Morgana aguardavam Spector's e Macabro para começar a reunião no Salão Cinzento.

— Mestre, do que se trata essa reunião? Tem a ver com os garotos?

— Sim Morgana, eles são a pauta. – Respondeu ele zangado e inquieto, andando de um lado para o outro do salão.

Ela percebeu que estava enraivecido demais e então voltou a ficar calada aguardando o restante chegarem.

No vilarejo dos elfos, eles aguardavam os outros habitantes de Lumuslândia na sala do Grande Olho quando um dos seus elfos mensageiros chegou às pressas e disse:

— Senhor Aramil! Estão todos lá fora esperando por sua presença.

— É chegada a hora velho amigo, em que a luz e a escuridão irão entrar em confronto. Vamos, nossos amigos estão nos aguardando.

O elfo da luz e o gnomo saíram de sua morada e subindo as longas escadas ao patamar de uma grande ruína em formato de templo começaram a discursar para todos:

— Povo de Lumuslândia, eu os reuni aqui para comunica-los de que a profecia se cumpriu. Os três jovens guerreiros humanos apareceram recentemente em meu vilarejo.

— E onde estão eles? – Perguntou um gigante mestiço desajeitado dentre a multidão eufórica.

— Foram em direção do castelo sombrio, derrotar o Mestre das Trevas e seus aliados. – Respondeu Aramil.

Uma fada jovem que espalhava um brilho rosado se aproximou mais de Aramil e perguntou curiosa:

— Como eles são meu senhor?

— Um possui uma marreta mágica, é destemido e muito inteligente; o outro é um arqueiro astuto e simpático; o terceiro se chama

Martin, é corajoso e determinado, ele é descendente dos Cavaleiros do Sol.

Houve muita discussão e murmúrios entre a multidão. Unicórnios e animais alados dialogavam entre si, os anões e os gnomos festejavam com os duendes, as fadas e as ninfas rodopiavam pelo ar festejando enquanto os gigantes cantarolavam melodias alegres.

Todos estavam contentes com a notícia enquanto Aramil interrompeu dizendo:

— Precisamos estar preparados, pois o Mestre das Trevas está reunindo tropas de orcs para atacar o nosso vilarejo. Como todos sabem esse é o único lugar que ele ainda não destruiu devido à energia de meu colar místico que ilumina o vilarejo élfico. Temos que proteger esse lugar caso contrário nosso mundo será tomado pela escuridão das trevas.

Enquanto isso, na floresta, Martin e Max estavam à procura do alazão alado.

— Parece que estamos perdidos. – Disse o garoto. – E agora, o que iremos fazer?

— Max não se desespere, vamos sair dessa logo.

— Eu ouvi algo.

— Fique a postos, pode ser um inimigo. – Alertou. — São passos, vamos nos esconder nos arbustos da mata, rápido. Fiquem atentos!

REENCONTROS

Joe e seus amigos seguiam Solano atentamente até que, de repente o alazão alado parou e começou a relinchar inquieto.

— O que houve com ele?

— Deve estar querendo que nós aguardamos alguém, certamente o Martin! – Disse a elfa.

Rebeca contentou-se com a hipótese dela ter razão e disse:

— Tomara. Estou com saudades do meu amor.

— Joe, certo? Você disse que ele foi atrás do Max e agora estamos aqui com o alazão alado dele. Mas e quanto a eles, não acha que deveriam estar aqui? – Interrogava Dodge impaciente.

— Tem razão. – Disse, pegando-os de surpresa.

— Max, que bom revê-lo aqui! E o Martin? – Perguntou seu amigo contente.

— Aqui! – Respondeu logo depois do garoto. – Vejo que Solano fez um bom trabalho. Valeu amigão!

Rebeca correu em direção ao seu cavalheiro do sol e pediu la-crimejando:

— Não suma nunca mais ouviu bem. Logo depois o abraçou se beijando em seguida.

A cena teve um belo toque de romance num devaneio de olhares afetuosos entre os dois jovens. Então, ele disse a sua amada:

— Nunca mais. Prometo, Rebeca.

Então se abraçaram num novo e aconchegante abraço envolvente.

— Hei pessoal! Está tudo muito bom, mas não acham que deveríamos estar pensando em algo para entrar no castelo sombrio? Martin, você é o líder, então como vai ser?

— Tem toda razão, iremos fazer o seguinte. Rock leve o Dodge para o vilarejo, e fique por lá também, poderão precisar da sua ajuda. Joe e Aisha, vocês montarão no Jasper e manterão os guardas do castelo ocupados atacando-os em pleno ar com seus arcos élficos. Max, você irá com Rebeca libertar os garotos escravizados e eu irei atrás do cubo de Cronos.

— Mas e quanto ao Mestre das Trevas e sua irmã megera? – Perguntou a elfa. – O que faremos se eles nos virem.

— Aí não haverá jeito senão lutar para valer, pessoal. Vamos conseguir! Confiem em vocês, nós fomos escolhidos para isso. Somos os guerreiros da profecia da qual Aramil citou.

— É isso aí Martin! Agora é conosco, somos capazes e conseguiremos vencer essa batalha. – Reforçou Max.

Enquanto isso, no subsolo do castelo, os pequenos escravos e alguns anões, após terem feito o trabalho forçado, foram presos no calabouço e os orcs foram vestir seus trajes de guerra e forjar suas armas. Eles sabiam fazer armas com facilidade, criavam espadas de dois gumes, clavas, escudos e capacetes de uma resistência notável e muitas outras armas de batalha.

No vilarejo, Aramil, Gomo e os outros também se preparavam para o confronto quando o elfo mensageiro chegou com notícias para Aramil:

— Senhor, temos visitas.

— Quem?

— É o Rock, senhor. E ele trouxe Dodge com ele.

— Papai! – Gritou uma voz correndo em direção de Gomo. – Quantas saudades!

O gnomo o abraçou forte, pois estava muito emotivo com a situação.

— Meu filho. Meu Dodge está de volta. Obrigado por resgatá-lo! – Agradeceu o gnomo com um sorriso em seu rosto.

Aramil perguntou a Rock:

— Amigo, como estão os garotos. E a garota?

— Pois bem senhor, os orcs estão prestes a sair do castelo sombrio e com isso Martin planejou o seguinte. Aisha e Joe vão distrair os guardas do castelo, com um ataque aéreo com o hipogrifo que enviou. Max e Rebeca irão libertar os escravos enquanto Martin irá atrás do cubo de Cronos. E quanto a mim, disseram para trazer Dodge e ficar aqui para auxiliá-los. — Respondeu o tatu-rocha.

— Muito bem! Agora descanse um pouco. Você também Dodge, devem estar famintos também, vou providenciar um singelo banquete.

A REUNIÃO NO SALÃO CINZENTO

Nos confins do interior da floresta, Spector's, depois de certo tempo procurando por seu aliado Macabro, o encontrou em pequenos pedaços petrificados espalhados pelo chão. Espantado e aborrecido, deduziu que os garotos teriam algo a ver com aquilo.

Sem pensar muito, voou velozmente em direção do castelo.

No Salão Cinzento, a porta se abriu com a figura espectral alada falando:

— Mestre, Macabro está morto. Encontrei—o em pedaços petrificados na região da floresta a pouco.

Ele, ouvindo isso ficou enfurecido com a notícia e com seu olhar de fúria segurou seu cetro prateado recitando: “Com o poder de mim convocado, do troll morto será tirada toda seu poder e assim com minha permissão a você, Spector's, será concedida”.

Aos poucos Spector's foi se transformando em uma espécie de espectro com troll, ficou robusto, viril, com enormes garras e dentes pontiagudos, seus olhos negros como a própria escuridão, continuando com as suas grandes asas de morcego e seu dom de tornar—se uma sombra.

— Obrigado mestre! – Agradeceu curvando-se ao seu líder.

Morgana virou—se para o seu mestre perguntando:

— E agora?

— Depois da morte inesperada de Macabro não pude desperdiçar o seu poder. Agora ele o terá. – Falou virando-se para o espectro. –

E continuou:

— Agora vamos dar início a nossa reunião.

Spectroll, pensando, disse:

— Neste momento, aqueles garotos impertinentes devem estar na floresta planejando alguma coisa, suponho.

— Durante sua espera e a do azarado Macabro, ele ficou arquitetando um plano para tomar esse mundo como meu, por inteiro. — E virando para a sua serva, ordenou. — Você terá uma tarefa a cumprir Morgana. Irá roubar o colar místico enquanto Spectroll lidera o batalhão de orcs no ataque ao vilarejo.

Nos confins da floresta...

— Então é isso. Vamos começar. — Disse Martin. — Usem suas armas para se protegerem dos inimigos.

Joe e Aisha montaram em Jasper e levantaram voo, contornando o castelo do Mestre das Trevas.

— Boa sorte! — Gritou Max.

Rapidamente, eles se aproximaram do muro do castelo sombrio e então o cavaleiro perguntou:

— Rebeca, por onde você e Dodge saíram?

— Sigam-me! É logo ali. — E chegando lá disse: — Temos que entrar nesse túnel o qual Rock escavou, irá dar direto no calabouço.

— Ótimo! Então vamos. — Falou Martin. — Solano, fique aqui, eu o chamarei quando chegar a hora.

Então o alazão aguardou do lado de fora do castelo sombrio, segundo pediu o dono.

Enquanto isso, Spectroll e seu exército de orcs partiram em direção à floresta para o ataque surpresa, porém não imaginavam que no vilarejo, também os estavam aguardando.

Os elfos guerreiros aguardavam as ordens do líder arqueiro Aramil nas proximidades dos arvoredos com seus arcos em mãos, os gigantes ficavam protegendo as entradas da morada do elfo da luz, onde ficava o Grande Olho e o colar místico escondido numa pequena sala subterrânea. As fadas e ninfas sobrevoavam o portão principal para avisar a chegada dos inimigos, os anões, os duendes e os gnomos cuidavam das armas e vestes de batalha, os elfos silvestres e outros seres daquele mundo montavam nos animais alados aguardando o início do

confronto. Rock e Gomo ficaram protegendo Dodge e os mais jovens no refúgio élfico.

No castelo sombrio, Jasper sobrevoava o local. Os dois arqueiros começaram a atacar o castelo, chamando a atenção dos guardas com suas flechadas contínuas e reluzentes lançadas pelos arcos élficos, pois a claridade era a maior fraqueza de qualquer ser das trevas.

Montada no hipogrifo, Aisha alertou o arqueiro:

— Veja! Estão com lanças agora, precisamos recuar por ora.

— Está certo! Vamos, Jasper, tire-nos daqui e leve-nos para um lugar seguro. – Pediu ao hipogrifo.

Então deu meia volta e começaram a se distanciar do castelo para pensar em um outro plano quando acertaram Joe por trás com um dardo venenoso, fazendo com que o arqueiro caísse do seu guardião mascote em pleno voo.

— Não! Minha nossa, não acredito nisso! Agente firme, Joe. – Gritava apavorada. – Jasper desça depressa, ele precisa de nós!

O ANTÍDOTO

Enquanto a elfa aterrissava para socorrer o seu amado que havia caído entre os arbustos aos arredores do castelo sombrio, os seus colegas de jornada seguiam Rebeca pelo interior do túnel até que finalmente chegaram ao seu fim. Max saiu logo depois dela e logo após ele veio Martin, estava um pouco escuro e ecoante.

— Use o escudo do sol para clarear esse lugar.

— É claro! Bem lembrado, Max.

Rebeca disse:

— Pessoal, desculpe! Acho que estamos na mesma cela donde eu estava presa com Dodge. Na hora não lembrei desse pequeno detalhe.

— Não esquenta! Darei um jeito nisso. – Falou o jovem bárbaro com sua arma segurando em suas mãos e pronto para abrir uma abertura. – Se afastem! Vou deixar as grades em pedacinhos num segundo.

Depois de saírem da cela, Martin falou:

— Agora temos que continuar com o nosso plano!

— Hei pessoal! Vejam, são as crianças sequestradas, elas estão presas. – Falou a garota, vendo a cela ao lado com crianças e alguns anões tristes e exaustos pedindo-lhes socorro.

— Max, é com você mesmo. – Falou o cavaleiro.

— Deixa comigo!

E aí com sua arma do poder ele pediu para os prisioneiros se afastarem e, assim, derrubando as grades, libertou as crianças e os anões numa precisão momentânea.

— Muito obrigado, meu jovem! – Agradeceu um dos anões saltitando de alegria por ter sido solto.

No fundo da cela estava alguém que Martin não via há muito tempo atrás.

— Kevin, é você? Sou eu, o Sr. Russel – e o menino reconhecendo o amigo de sua irmã, correu para abraça-lo.

— Nossa! Como veio parar aqui? – Perguntou o menino contente e ao mesmo tempo espantado com a situação.

Após uma breve explicação sobre o acontecido e de uma rápida apresentação, Martin disse a todos:

— Mudança de planos. Rebeca volte com eles pelo túnel e ao saírem leve-os ao vilarejo com segurança. Estarão a salvo por lá!

A garota refletiu um pouco e então falou a ele:

— Tudo bem, mas tome cuidado.

— Você não está sozinho nessa. Vamos voltar amigão! – Falou Max.

— Valeu galera!

Os meninos e os anões seguiram-na pelo túnel, enquanto Martin iniciou a procura da saída do calabouço.

Enquanto isso, no vilarejo dos elfos, Aramil foi até o Grande Olho, pois pressentiu algo ruim acontecendo com os seus guerreiros. Ao chegar à sala subterrânea, aproximou-se do Grande Olho e dele foi surgindo aos poucos a imagem de Aisha chorando sobre o corpo de Joe com o hipogriфо ao redor dos dois e a cena se diluiu.

E então usou sua telepatia com a elfa disse:

— Não chore minha jovem, aqui é Aramil. Escute bem, a solução está com a garota encapuzada, ache-a rápido.

— Certo, farei isso.

Sussurros vinham na direção de Aisha dizendo:

— Enfim estamos livres! Graças a vocês, terão nossa eterna gratidão, meus jovens.

— Qual seu nome, anão? – Perguntou a garota sorridente.

— Trililim, às suas ordens minha jovem. – Reverenciou a pequena criatura.

— Pois bem, nós estamos felizes por estarem bem. Mas...

Então Max interrompeu:

— Olhe, é a Aisha! – E vendo seu grande amigo desacordado no chão, correu até ela e perguntou assustado. – O que aconteceu com ele?

— Ele foi atingido por um dardo venenoso. — Respondeu tristinha. — Ela é a garota? Mas como ela fugiu?

— Oi, você deve ser a Aisha. Prazer em conhece-la! Chamo-me Rebeca.

— Muito prazer! Escute, Aramil me disse que você tinha uma solução para cura-lo.

— Aramil. Quem é este?

— Ele é o elfo da luz, senhor do vilarejo élfico. — Explicou o garoto em resumo. — Mas, como a ela poderia ter uma solução se ela estava presa no castelo sombrio?

Então ela começou a andar de um lado para o outro pensando no que ele lhe tinha dito. Refletiu, refletiu, e então perguntou a garota:

— Esse pingente da invisibilidade é seu?

— Bom, de certa forma sim.

— Como assim? — Perguntou Aisha, confusa.

Com isso, Max interrompeu novamente a garota e falou:

— Martin me disse que havia ganhado o pingente, a marreta mágica e o arco da Samantha, lembra?

— É mesmo, estou me recordando agora. E ele comentou de um frasco de...

— Cura instantânea. — Completou o garoto com exatidão. — É isso, ele precisa desse frasco.

— Deixa-me ver um momento. Espere, acho que deve estar em algum bolsinho. Veja que sorte, aqui está ele!

— Vamos, dê-me o frasco. — Pediu Aisha, contente, que o abrindo derramou o líquido nos lábios de seu arqueiro desacordado.

— Pronto! Agora é só esperar alguma reação. — Disse esperançosa.

Depois de alguns instantes de silêncio Joe acordou e o sinal que o dardo havia deixado em suas costas foi desaparecendo vagarosamente.

Então todos o abraçaram com festejos, exceto a elfa que de repente o beijou e sorrindo pediu:

— Nunca mais faça isso, está bem!

Ele, surpreso com a reação, retribuiu com outro beijo numa cena romântica e afetuosa envolvendo-se nos braços de Aisha.

O CONFRONTO

Finalmente, após uma longa subida numa escadaria em formato espiral, Martin avistou uma antiga porta forjada a ferro, então vagarosamente foi andando até ela. Ao chegar lá, o jovem cavaleiro percebeu que havia dois guardas cuidando do local, um de cada lado da porta.

— Tive uma ideia! – Pensou ele entre si.

— Hei aqui dentro, seus bobalhões! Venham me pegar! – Provocou o cavaleiro.

Então um disse ao outro:

— Ouviu esse barulho? Deve ser um escravo fugitivo.

— E o que está esperando? Vamos prendê-lo novamente senão o mestre nos castigará severamente por isto. – Falou o outro.

Então se prepararam com suas lanças e abriram a porta do calabouço quando um clarão surgiu repentinamente cegando-os.

— Meus olhos! Tire já essa luz.

— Não consigo me mexer. – Disse o outro.

Aos poucos começaram a virar meras estátuas petrificadas, assim como Macabro havia sido transformado anteriormente na floresta.

— Esse escudo é o máximo! — pensou consigo mesmo.

— Aonde pensa que vai, garoto? – Ameaçou uma voz vinda por trás dele. – Então é você o último Cavaleiro do Sol? – Ironizou o Mestre das Trevas, rindo num tom sarcástico.

Naquele mesmo instante Spectroll e os orcs atravessavam o Estreito da Víbora enquanto no vilarejo dos elfos, Garad, o Rei dos unicórnios, entrou na sala subterrânea dizendo ao elfo da luz:

— Me chamou, senhor?

— Sim Garad, estou precisando de sua ajuda imediatamente. Preciso que reúna alguns de seus melhores soldados e se tele transportem até o lugar em que irei lhe mostrar no Grande Olho, posso contar com você amigo? – Perguntou o elfo. – Aisha e os guerreiros precisam de uma ajuda nesse momento e acredito que você poderia auxiliá-los nessa jornada.

— Claro, meu senhor! – Respondeu, dirigindo-se ao Grande Olho. – Então esse é o lugar onde os jovens se encontram agora, pois bem, irei falar com os outros unicórnios.

— Ah! Garad, após leve-os direto para o refúgio. – Lembrou Aramil. – Eles estarão protegidos lá com nossos companheiros.

No castelo sombrio...

— Sou eu mesmo. E irei acabar com você! – Respondeu Martin.

— Como ousa falar com o Mestre das Trevas com essa insolência. Você não tem nenhuma chance contra mim, jovem tolo. Irá acabar como todos os outros que já destruí. – Falou furioso, apontando seu cetro para ele num tom ameaçador.

Então o cavaleiro sacou sua espada preparando-se para o combate e com um ar de determinação, disse ao seu rival:

— Está enganado! Quem será destruído aqui é você.

De repente sua espada começou a reluzir descarregando uma grande quantidade de energia, que atingiu o Mestre das Trevas. Surgiu-se então uma intensa névoa negra que se dissipou brevemente, levando-o.

Então uma voz ecoante anunciou ao jovem cavaleiro:

— Eu voltarei!

— Estarei esperando! – Respondeu. – O cubo de Cronos! Onde será que ele pode estar, pense Martin, pense!

Enquanto isso, no vilarejo dos elfos...

— Amigos, estão todos prontos?

— Sim. – Responderam todos ao mesmo tempo.

— Então vamos lá! – Falou Garad aos unicórnios.

— Esperem! Eu vou junto com vocês! – Gritou uma jovem qui-mera correndo em direção a eles.

— Kira, admiro sua coragem, mas não posso deixar você ir conosco, Aramil deu essa tarefa apenas para os unicórnios. E também, você ainda é muito jovem para se arriscar a algo tão perigoso.

Ela deu meia volta aborrecida, sussurrando:

— Isso não irá ficar assim, vou mostrar como sou corajosa e posso ser útil.

Dito isso, ela foi conversar com o elfo.

— Olá Kira! O que a traz aqui?

— Senhor, gostaria muito de ser útil em algo. – Pediu a jovem quimera.

— E sua família? Está a par disso?

Kira respondeu cabisbaixa:

— Eu sou órfã. Meu pai era descendente do primeiro guardião mascote de minha raça. Tenho sangue de guerreira, não o desapontaria, senhor. Tenha certeza disso.

O elfo refletiu, e então falou:

— Bem, acho que precisarei de guerreiros como você neste momento. Mas peço que aguarde, está bem?

— Certo. Muito obrigada! –Ela o agradeceu e saiu da sala subterrânea satisfeita.

O RESGATE

Na floresta, Max e Rebeca planejavam com o restante do grupo como fariam para levarem as crianças e os anões ao vilarejo em segurança.

— Alguém de nós terá que os conduzir. — Disse o arqueiro.

— Mas não podemos deixar o Martin aqui sozinho. — completou Rebeca. — Ele está atrás do cubo de Cronos, precisamos ajudar ele a encontra-lo.

— Desculpe a demora!

Aisha olhou para trás e o cumprimentou:

— Garad, que bom revê-lo!

Max, ao vê-lo, perguntou confuso:

— O que fazem por aqui?

— Aramil nos pediu para levarmos as crianças e os anões para o vilarejo, embora os orcs estejam por nos atacar. — Explicou Garad.

— Nossa! É mesmo, então precisamos ser rápidos. — Falou Max.

Garad disse aos jovens guerreiros:

— Bem, é isso mesmo. Vamos leva-los para um lugar seguro no vilarejo e então vocês poderão ir atrás de seu amigo cavaleiro de maneira mais tranquila.

E então cada três dos resgatados subiram em um unicórnio e quando chegou a vez de Kevin, ele foi em direção dos jovens desejando boa sorte e assim montou em Garad e logo se tele transportaram até o refúgio no qual estavam também as criaturas mais jovens, sob os cuidados de Rock e Gomo.

Logo após, falou a elfa:

— Bom, então é isso! Agora que eles nos ajudaram com os outros, o que faremos?

— Pessoal, escutem bem o meu plano! — Pediu Max. — Martin já deve ter saído do calabouço a essas horas. Eu pensei que nesse momento em que estamos juntos e que os unicórnios já levaram Kevin, as crianças e os anões, poderíamos agir de maneira mais sistemática e despreocupada.

— Tem razão amigo, mas e quanto ao Solano e o Jasper? Onde é que eles entram? — Perguntou Joe.

— Já pensei nisso também. Para entrar no castelo, vamos fazer o seguinte: — Joe e Aisha, vocês irão entrar no castelo sombrio sobrevoando no hipogrifo, com isso aterrissarão dentro do castelo, enfrentarão os guardas que o protegem e então baixarão a ponte para que possamos entrar despercebidos com ajuda do pingente da invisibilidade. Nós tentaremos achar Martin e o cubo de Cronos.

— Cadê o Solano? Ele não estava conosco? — Perguntou Rebeca aos outros.

— Acho que ele foi atrás de Martin. O guardião mascote sente quando seu dono precisa de ajuda. — Falou a elfa explicando.

— Martin, em perigo! Bem precisamos continuar com o nosso plano, rápido. — Disse a garota, preocupando-se com seu namorado.

Enquanto isso, aos arredores do vilarejo élfico, Morgana pensava numa maneira de entrar no local sem ser vista pelos moradores. Com certeza, a entrada principal não era segura para essa finalidade então foi fazendo a volta pelos arredores tentando achar alguma fresta para passar. Foi aí que Morgana parou e refletiu por alguns minutos e, após pensar bem, decidiu fazer o que queria ter feito há muito tempo, aquele era o momento ideal para aquilo.

Então foi até a entrada principal do vilarejo élfico e pediu a uma das ninfas que vigiava o portão:

— Eu vim em paz! Posso, por favor, falar com o seu senhor? É urgente!

A ninfa encarou Morgana dizendo:

— Você não é bem-vinda aqui. Vou deixa-la ir se prometer não retornar.

— O que está havendo aqui? – Perguntou Aramil, espantado com a presença de Morgana no recinto. – Que ousadia! Vir aqui me procurar. Com que proposito seria?

— Vocês têm toda a razão em me odiarem. Mas eu preciso mesmo falar com o senhor. – Pediu a garota ao elfo.

Ele refletiu por um momento e disse olhando para ela:

— Que seja! Siga-me até a minha morada, mas não tente nenhuma trapaça minha jovem.

— Sim, senhor.

E então foram até uma sala onde o elfo ouviria aquilo que tanto Morgana precisava dizer a ele.

Kira pediu:

— Senhor, eu posso ouvir o que ela tem a dizer também?

— Está bem, você pode ficar conosco. Os restantes continuem a seus postos.

REVELAÇÕES DE MORGANA

Naquele instante, os dois se acomodaram em um banco da sala e, em seguida ele disse:

— Sou todo ouvido. Agora conte-me, o que você quer me dizer de tão urgente assim.

— Está bem senhor, gostaria de agradecer primeiramente a oportunidade a qual está me dando de falar a minha parte nisso tudo!

Aramil se surpreendeu com o comportamento dela.

— Começa logo! — Falou Kira ansiosa.

— Tudo começou há tempos atrás na mina de exploração da qual meu pai possuía. Depois da morte da mamãe ele criou eu e meu irmão mais velho, Malvo, sozinho. Era um bom pai, de fato, bondoso e protetor. Certa vez, no jantar, ele estava contando como foi seu dia de trabalho com seus empregados mineiros. Então ele mencionou sobre uma grande porta que encontraram naquele lugar e nos disse que no dia seguinte iriam tentar abri-la, ele estava muito curioso com o que poderia achar lá dentro. Então amanheceu e ele retornou para lá recomendando que ficássemos em casa, pois logo voltaria para o almoço e estava chovendo fortemente. Anoteceu e ele ainda não havia voltado, nós estávamos preocupados com a sua demora, então meu irmão disse:

— Maninha, eu estou cansado de esperar pelo papai sem nada fazer. Vamos até a mina ver se ele está bem. Então pegamos uma lâmparina e fomos até lá ver o que estava acontecendo, pois estava demorando voltar para casa.

Quando chegamos lá pairava um grande silêncio, então entramos chamando por nosso pai. Foi aí que nos perdemos, nós tentamos achar a saída, mas parecia que quanto mais andávamos, mais distante ficávamos dela. Depois de tanto caminhar naquele lugar escuro, encontramos a tal porta que nosso pai mencionou daquela vez, ela estava entreaberta, então entramos para ver se estavam lá dentro.

Tratava-se de um salão com vários artefatos antigos, relíquias e objetos desconhecidos. Pedi ao meu irmão: — Malvo, vamos sair daqui? Este lugar é assustador. Mas meu irmão não respondeu, estava maravilhado com um cetro de prata alojado sobre uma mesa arredondada e cinzenta que havia por lá. E então ouvimos uma voz vinda dum canto escuro do salão dizendo: — Filho, pegue o cetro! Precisa pegá-lo. Eu e meu irmão ficamos felizes em rever nosso pai, porém ele estava preso numa jaula muito resistente. Malvo disse: — Pai, como foi parar aí dentro? E ele respondeu: — Depois eu conto tudo a vocês, agora pegue o cetro, ele é a chave para me tirar daqui. Foi naquele momento que vi os olhos de meu pai ficarem amarelos, e ele soltou uma expressão sarcasticamente medonha, com isso virei para meu irmão para alertá-lo e dizer para não tocar no cetro, pois estava tendo um terrível pressentimento sobre aquilo. Porém, era tarde demais, eu ouvi Malvo pedindo socorro de dentro de uma nuvem de fumaça muito escura e nebulosa que o envolvia. Quando fui para ajuda-lo, a nuvem foi tomando a forma de um homem pálido, alto, com olhos vermelhos e dentes pontiagudos, que vestia roupas roxas e uma capa preta, e em cima de seus cabelos escuros havia uma coroa de diamantes, e meu irmão simplesmente havia sumido. Então ouvi uma estrondosa risada: — Há, há, há, há, há!

O Mestre das Trevas está livre! – Comemorava meu pai, que, para minha surpresa, foi se transformando em um monstro horrendo.

Fiquei muito assustada, trêmula perguntei: — Você nos enganou! O que é você? O que fez com meu pai? E o mostro disse, furioso: — Sou um troll, e quanto a você mocinha, deveria se preocupar com seu irmão, pois agora que meu mestre o possuiu, ele nunca mais voltará!

— Não pode ser verdade, você está mentindo! – Virei-me para aquela figura obscura surgida da escuridão e disse: — Liberte Malvo, seu monstro! Então ouvi: — Seu irmão está aprisionado jovem tola! Enquanto eu existir, ele não voltará para você. E direcionando-se ao troll, ordenou: — E você, Macabro, siga-me! Temos uma Terra para governar agora. E quanto a você garota, vai vir conosco, não vai abandonar seu irmão não é? – Disse rindo ironicamente.

— E mais, se não quiser que eu o destrua, terá que ser minha serva por toda eternidade. Naquele momento, eu fiquei sem alternativa, então tive que obedecê-lo desde então. Assim, eu os segui por um espelho antigo e surrado o qual parecia ser uma espécie de portal. Bem, e o resto vocês já sabem.

A jovem quimera, impressionada com tudo que Morgana disse, perguntou ao elfo:

— E então, senhor, o que vai fazer?

Ele olhou para ela e perguntou:

— Como poderíamos ajuda-la minha cara Morgana?

Ela levantou-se do banco ao qual estava sentada e enxugando as suas lágrimas, aliviada, respondeu:

— Destruindo o cetro prateado do Mestre das Trevas, só assim terei meu irmão novamente.

O COLAR MÍSTICO

Morgana contou-lhes tudo que precisava ser dito naquele momento, disse tudo que ela sabia sobre as intenções do Mestre das Trevas, da morte de Macabro e da transformação que Spector's sofreu ao ganhar os poderes do troll e de que agora estaria mais forte, do ataque dos orcs ao vilarejo e da tarefa que o Mestre das Trevas tinha lhe dado de roubar o colar místico do líder elfo, entre outras coisas de certa importância.

A quimera, atenta a tudo que a garota falava, perguntou:

— Como iremos destruir o cetro, senhor? Os guerreiros têm que saber disso o mais rápido possível. E acredito ser arriscado para Morgana voltar lá nessas circunstâncias. Garad e os seu unicórnios ainda estão se recuperando do uso excessivo de seus poderes. Rock e Gomo estão protegendo os menores no esconderijo. E todos nós do vilarejo precisamos de sua presença aqui.

— Tem toda razão, vou usar minha telepatia com Aisha e orientá-la no que estiver ao meu alcance.

Enquanto isso, no interior daquele castelo, Martin procurava pelo cubo enquanto seus amigos iniciavam o plano para entrar naquele lugar sombrio. Joe e Aisha atiravam flechadas reluzentes até desintegrarem todos os soldados que montavam guarda no castelo. Quando a área parecia segura, pousaram com o hipogrifo deixando-o em um canto seguro, e assim baixaram a ponte para Max e Rebeca entrarem.

— Ufa! Não foi fácil, mas deu tudo certo! – Falou o arqueiro aliviado. E agora?

— Pessoal, o Aramil está se comunicando comigo. Ele está dizendo que para derrotar o Mestre das Trevas teremos que destruir o seu cetro prateado e disse que descobriu onde fica o esconderijo onde ele guarda o cubo de Cronos. – Interferiu a elfa.

— E onde fica? Perguntou a garota.

— ele está localizado num lugar conhecido como o Salão Cinzento, no interior de uma mesa, este salão está localizado num corredor à direita de um saguão, mas teremos que ter cuidado com as armadilhas no caminho.

— Então vamos lá! Rebeca, siga-os. Tomem muito cuidado! Quanto a mim, vou atrás do jovem cavaleiro. Reencontramo-nos no Salão Cinzento. – Disse.

Naquele mesmo instante, no vilarejo dos elfos...

— Senhor Aramil, eles estão chegando! – Avisou uma das fadas rapidamente ao entrar no recinto.

O elfo da luz olhou para a garota perguntando:

— E então, está pronta para fazer o que combinamos?

— Sim, estou.

Após isso os dois foram juntos até a sala subterrânea e ela, retirando o colar de seu local de proteção donde estava guardado, deu, enfim, o aviso que Spectroll estava esperando para atacarem. A energia mística se mostrava fraca aos poucos.

Spectroll, montado em um cavalo negro de olhos vermelhos e de crinas flamejantes, ordenou:

— Orcs, iniciem o ataque! Destruam todo o vilarejo, já!

Na entrada do vilarejo continha quatro gigantes a protegendo, porém, devido ao tamanho, só alguns orcs foram eliminados deixando os outros orcs de clavas e espadas penetrarem no vilarejo com mais facilidade.

— Socorro irmão! – Pedia um gigante mestiço caído ao chão para um dos outros.

— Aguenta aí, mano! – E levantando-o, começou a arremessar orcs para todo lado enraivecido.

— Elfos, atacar! – Ordenou um dos elfos substituto.

Vários orcs desintegravam-se com a luz que saía dos arcos. Po-

rém, alguns gigantes caíam ao chão sendo machucados por aqueles seres horrendos e calculistas. O brilho e encanto das fadas não eram o bastante para derrotar um só orc, então se afugentaram nas árvores mais altas do vilarejo para se protegerem durante a batalha.

No entanto, os orcs espadachins estavam em desvantagem em relação aos elfos que batalhavam montados em cavalos alados, diferente dos orcs que não tinham montaria até porque era da natureza deles batalharem em solo firme.

Foi quando, dentre os orcs, surgiu Spectroll, em seu cavalo negro, dizendo:

— Dou—lhes uma chance de se renderem se me derem Aramil!

— Você o quer, então o terá! – Disse Morgana surgindo na multidão.

— Por que ainda está aqui?

— Eu a autorizei, agora vejam, filhos da escuridão. – Falou Aramil, surgindo logo atrás da garota. – Contemplem seu maior inimigo.

Dito aquilo seu colar despertou um clarão tão intenso que, se expandindo pelo vilarejo, desintegrou totalmente os orcs.

Spectroll desceu de seu cavalo e gritou bravo:

— Sua traidora eu vou te.... Eu vou.... – desorientado, começou a tontear e, caindo de joelhos, falou. – Tire essa luz! Não posso ver, pare!

E aos poucos Spectroll foi transformado em pedra junto ao seu cavalo negro.

— Vocês conseguiram, Aramil! – Festejava. – O confronto acabou.

— É. Mas você teve sua participação nessa vitória, Morgana. Muito obrigado! – E então gritou aos outros. – Gomo e Rock, podem vir com as crianças, os anões e os outros. A batalha acabou! Nós estamos livres da escuridão.

ACONTECIMENTOS INESPERADOS

Nas redondezas daquele castelo Max chamava pelo nome de seu amigo cavaleiro quando encontrou o seu cavalo alado, com as patas acorrentadas ao chão, relinchando agitado, tentando desesperadamente se soltar das correntes as quais o prendia.

Então ele correu para tentar soltá-lo quando foi surpreendido por uma armadilha. Era uma cilada.

Foi quando ouviu aquela voz que desejava não ter ouvido naquele instante, dizendo:

— Vejam só como são as coisas! Por que não usa sua arma para tirá-lo daí? Ah, esqueci! Não dá, a jaula anula a magia branca. — Falava o Mestre das Trevas com ar de deboche.

— Seu covarde! O que fez com meu amigo?

— Não se preocupe, ele está melhor do que você. — E assim, convocou uma dúzia de lobos raivosos com dentes pontudos, olhos negros com a noite e garras afiadas. — Divirtam-se, meus caros caninos, devem estar famintos! He, he, he!

E deixando-o lá, desapareceu nas sombras.

Enquanto isso, nos corredores do castelo sombrio...

— Veja Joe, a porta! Lá no fundo do corredor. — Alertou Rebeca.

E então os dois seguiram a garota em direção a porta do Salão Cinzento.

De repente, o chão começou a trincar.

— Aisha, pare! Não se mexa! Está sobre uma camada fina de cristal. — Avisou o arqueiro, começando a ficar nervoso com o ocorrido. — Rebeca, você precisa continuar com o que estávamos fazendo. Eu ficarei aqui com ela.

A garota respondeu com um gesto compreensivo e ficando invisível, prosseguiu.

— Joe?

— Diga, Aisha.

— Ela vai precisar de sua ajuda, sabe disso, não é? — Falou com expressão de tristeza e ao mesmo tempo de despedida. — Eu irei esperá-lo aqui.

— Não! Não vou abandoná-la. — Respondeu. — Você é muito especial para mim. Muito mesmo.

Ao terminar a frase, o chão começou a trincar mais ainda pois eles estavam muito próximos, após formou-se um buraco ao redor da elfa.

— Joe, socorro! — Gritava sendo engolida pela escuridão envolvente que a tragava para um abismo incerto e desconhecido junto aos destroços.

O arqueiro não teve chance nem tempo de salvá-la, pois ela já havia caído. Entristecido, ajoelhou-se e começou a chorar desesperado pela perda de Aisha num intenso lamento que deixava seu peito sufocante e dilacerado de dor e sofrimento.

Do outro lado do castelo Max estava encurralado, cercado por lobos sedentos por carne humana, com seus dentes pontudos começavam a fazer pequenas entradas pela jaula enferrujada.

De repente, jorrões de fogo começavam a espantar os lobos raiosos de perto dele.

— Quem está aí? — Perguntou inquieto.

— Não se preocupe, não sou sua inimiga. Desculpe o atraso! — Respondeu a jovem quimera. — Chamo-me Kira, sua guardiã mascote.

— Valeu, Kira. Uma quimera que fala. Incrível! — agradeceu o garoto que guardando sua marreta mágica falou para ela euforicamente. — Bem, estou atrás de Martin.

— Então precisamos encontra-lo! — disse ela, enérgica. — Monte em mim, assim o acharemos mais rápido.

— Certo! Mas antes irei solta-lo.

Ao fazer isso, o alazão alado agradeceu ao garoto, abriu asas e levantou voo.

Enquanto isso, no vilarejo dos elfos...

— Aramil, como você está se sentindo? – Perguntou Gomo, preocupado. – O que houve para você ter desmaiado repentinamente?

— Meu amigo, é a Aisha. Não consigo mais sentir sua presença. – Respondeu ele arrasado pensando no que poderia ter acontecido a ela.

No quarto onde ele estava repousando, além do gnomo estavam Rock, Dodge, Rebeca, Garad, que já estava recuperado, e o elfo mensageiro. Os restantes aguardavam ansiosos pela sua recuperação.

Enquanto eles conversavam, no castelo sombrio Martin avistou, ao longe, seu amigo montado na mascote correndo pelos corredores e então gritou:

— Max, aqui!

— Nossa! Até que enfim, estamos lhe procurando faz um bom tempo. – Disse, descendo da quimera. – Tem que saber de algo que Aramil disse a Aisha.

— Irei lhe contar tudo.

O CUBO DE CRONOS

A jovem quimera, ouvindo atentamente a conversa entre eles, contou:

— Meu pai, um renomado guardião mascote, me disse certa vez que ouviu de seu amigo guerreiro o qual também era Cavaleiro do Sol, que uma das armas que venceriam o mal seria a espada solar. Essa que está com você meu jovem.

— Ah! É por causa dela que ele deve ter se afugentado anteriormente. Eu devo ter o enfraquecido. — E assim, refletindo, continuou. — Max, quando for o momento oportuno pegue o cubo enquanto eu irei destruir o cetro prateado dele. Certo?

— Sim, certo.

— Vejam! É aquele alazão alado que vimos antes. — interrompeu Kira.

— Solano! Venha cá, amigão! — Falou o cavaleiro montando-o logo em seguida.

— Então vamos lá! — Disse o jovem, montando em Kira. — Joe e os outros devem estar precisando de nossa ajuda.

Enquanto isso, Rebeca, entrando de forma invisível no Salão Cinzento deparou-se cara a cara com o Mestre das Trevas muito furioso em um canto do salão. A garota retornou para avisar seus amigos que entrassem preparados para um possível confronto. No corredor viu Joe de joelhos chorando cabisbaixo.

— Joe, e a Aisha? Onde ela está? — Interrogou a garota temendo que a resposta fosse aquilo que ela estava pensando.

O arqueiro se virou e respondeu tristonho:

— Ela caiu, desaparecendo na escuridão do abismo. – E abraçando fortemente sua amiga, falou determinado e enfurecido. – O Mestre das Trevas terá o que merece.

Então correu pelo corredor envolto a tochas iluminando o seu caminho até o salão segurando o seu arco e, entrando porta a dentro, avistou o malvado vilão de costas a ele e então disse:

— Por sua causa Aisha está morta. Irei acabar com você!

O jovem estava furioso e muito revoltado, não estava refletindo direito e pensava somente em vingar-se naquele momento.

Sem dar tempo para o Mestre das Trevas proteger-se, Joe acorrentou contra a parede os pulsos e os pés do seu inimigo com suas flechas resplandcentes. Ao fazer isso, o cetro prateado caiu no chão.

Ele mirou com seu arco élfico no coração de seu rival e disse:

— Agora é o seu fim!

Quando o arqueiro ia para acertar o Mestre das Trevas, ouviu um grito de apelo:

— Não faça isso, Joe! Lamento muito por Aisha, mas não é isso que você quer, lembra?

— Mas, Martin...

— Ele tem razão amigo, confie em mim!

Então, ele insatisfeito falou:

— Está certo! Me desculpe.

— Tudo bem! Fique de olho nele, certo? – Disse o cavaleiro.

E então pediu a Max e Rebeca para se reunirem a ele e contou seu plano.

— Max, você quebre a mesa. Rebeca pegue o cubo depois se esconda com ele, eu irei destruir o cetro prateado. – Disse.

Após, o bárbaro levantou sua marreta mágica e com toda a sua força quebrou a mesa e lá estava o cubo de Cronos, em seu interior, após ela o segurou em suas mãos e, ficando invisível, escondeu-se para protege-lo.

Naquele instante Joe foi atingido, sendo arremessado para longe e assim bateu com a cabeça na parede, desmaiando logo em seguida. Rebeca foi correndo até seu amigo e o arrastou para um canto do salão e

tirando o frasco de Cura Instantânea de seu bolsinho, derramou o líquido nos lábios dele, o esperando assim recobrar a consciência.

Então Max alertou ao cavaleiro:

— Ele conseguiu se soltar!

— Distraia-o.

Enquanto confrontava o Mestre das Trevas, se esquivando de seus ataques hostis, Martin correu até o cetro prateado e com um golpe certeiro de sua espada o destruiu partindo em pedacinhos, e então se ouviu um grito de agonia e dor ecoando pelo salão com a forma de uma fumaça negra que se dissipou pelo ar como nevoa, após isso um jovem de vestes surradas apareceu caído ao chão.

Malvo, levantando-se meio tonto e confuso, perguntou:

— Onde eu estou? Quem são vocês?

— Você está a salvo, está tudo bem agora. – Respondeu Martin ao jovem ainda atordoado.

— Seja bem-vindo de volta! – Disse Max alegre por tudo acabar bem.

— Onde está a minha irmã?

— Ela está bem. – Respondeu Kira chegando ao salão com os outros guardiões num caminhar mais calmo.

— Max, coloque o Joe montado nela. Rebeca você vem comigo. Malvo irá com Jasper, tudo certo? Acabou pessoal, conseguimos. Agora vamos voltar para o vilarejo dos elfos. Eu levarei o cubo.

E então partiram do castelo sombrio. Ao longe, em pleno voo, Rebeca disse:

— Olhe, o castelo está desmoronando.

— É mesmo! Em breve tudo passara de ruínas.

Assim o céu de Lumuslândia aos poucos foi clareando, reluzindo a luz do sol e nuvens com formato de algodão começavam a surgir tomando o lugar dos nevoeiros cinzentos. As florestas, os vales, as montanhas, os riachos e lagos, tudo começava a voltar como era antes. Quanto aos seres sombrios da escuridão, simplesmente sumiram.

A FÚNEBRE DESPEDIDA

No vilarejo élfico, Aramil já estava se sentindo bem melhor, porém estava entristecido. Embora Lumuslândia tivesse voltado a ser a Terra da Luz, uma corajosa e gentil elfa havia tido um desastroso fim.

O elfo mensageiro chegou de súbito e abrindo a porta da morada de seu senhor, disse:

— Eles retornaram!

— Abram o portão.

O alazão alado, junto a Martin e Rebeca entraram no vilarejo, e logo, Malvo com Jasper.

— Meu irmão está salvo. Vocês conseguiram! Nossa, muito obrigada! – agradecia Morgana que abraçava seu irmão mais velho contente e muito emocionada.

— Disponha. – Respondeu a garota.

— Aramil, você já sabe, não é mesmo? – Interrogou o cavaleiro olhando para a expressão triste do elfo. – Ele está arrasado demais com o ocorrido.

— Todos estamos jovem cavaleiro, foi uma terrível perda. Eu criei Aisha desde pequena, ela era órfã de pai e mãe. – Disse o elfo entristecido. — E o restante, onde estão?

— Max e Joe estão a caminho daqui com Kira. – Informaram.

— Aqui está o cubo de Cronos.

O elfo segurou o objeto dizendo:

— Ele é a passagem de volta para o mundo que habitam, meus amigos.

Naquele instante, todos no vilarejo estavam tristes por Aisha. Garad e os outros seres alados faziam companhia ao hipogrifo. Gomo, seu filho Dodge e Rock, ao lado dos anões e duendes, choravam a perda da sua amiga, pois eles eram muito próximos dela. As crianças salvas pelos guerreiros e Kevin, cabisbaixas, lamentavam junto às fadas e ninfas, assim como os gigantes. Martin abraçava sua amada e Malvo, sua irmã caçula. O clima era de muita tristeza e lamento naquele momento de despedida.

Foi quando Kira chegou com os garotos. E descendo da quimera o jovem arqueiro falou nervoso:

— Aramil, a Aisha sumiu! Caiu num buraco negro e profundo que estava nos corredores do castelo. Você tem que fazer algo, por favor!

— Acalme-se, meu jovem. Lamento muito, mas se ela caiu em uma armadilha dessas.... Sabe! Eu não sinto mais a sua presença ultimamente. – Disse Aramil melancólico.

Então todos se reuniram e cantarolaram canções de despedida a elfa guerreira, as ninfas jogaram pétalas de rosas brancas pelo ar, sendo levadas pela brisa suave que ventava naquele lugar. Aquele momento de homenagem e despedida sem ao menos ter seu corpo conosco foi de uma inesquecível dor para Aramil, pois ela era como uma verdadeira filha para ele.

Passado o tempo, o elfo se aproximou do jovem arqueiro dizendo:

— Meu jovem, não chore!

— Aramil, eu falhei. Tentei salvá-la, mas eu não consegui. Sinto-me culpado por ela ter morrido.

— Aisha lhe queria muito bem, você foi muito especial para ela. Ela estará sempre contigo, em seu coração. Sabe, meu jovem, o pai dela era um humano, um Cavaleiro do Sol, como seu amigo. Depois de sua morte ajudei a mãe dela, Isis, a cria-la. Ela era como uma filha para mim. – Disse.

— Eu sei, mas...

— Joe, escute bem, eu tive uma breve visão de seu futuro, durante o funeral de Aisha. A sua história com ela não acaba aqui.

— O que quer dizer com isso? Vou voltar a vê-la? – Interrogava, esperançoso.

— Isso só o tempo dirá, meu jovem. Agora vamos, seus amigos estão nos esperando. E assim retornaram para junto dos entes que lamentavam a perda da brava guerreira num momento fúnebre e silenciosamente triste.

DE VOLTA AO LAR

O líder dos elfos pediu a alguém de seu vilarejo para que trouxesse o cubo de Cronos. Enquanto aguardavam, Joe contava a seu amigo tudo o que ele lhe tinha dito anteriormente no momento em que estavam conversando a sós.

Então Kira, com os outros guardiões mascotes, disse de fonte a ele e seus amigos:

— Foi uma honra para nós termos sido seus guardiões nessa jornada.

— A honra foi toda nossa! – Disseram. – E também somos gratos por salvarem nossas vidas tantas vezes nessa aventura.

— Disponha. – Falou Rock sem jeito num riso corado.

E então um dos elfos chegou com o cubo enquanto os jovens se despediam dos outros habitantes.

Segurando o cubo ao alto, Aramil anunciou: “Que o portal de Cronos se abra!”.

Surgiu então uma espécie de buraco tridimensional flutuando no ar rarefeito do ambiente em que estavam ao qual segundo Aramil havia falado, permitia mostrar uma passagem pelo espaço-tempo.

Martin disse ao elfo determinado:

— Decidimos que, primeiramente, as crianças devem voltar para suas casas, cada uma em seu tempo preciso.

— Certo cavaleiro. Como achar melhor.

Depois que todas as crianças atravessaram o portal chegou à vez de Martin e seus amigos fazerem o mesmo.

Rebeca, refletindo, disse:

— Martin, nós poderíamos ir para o dia em que estávamos indo à mina, com isso Hugo teria outra chance de viver.

— Brilhante! Você tem razão, nós três poderemos desfazer nossa ida à mina. Boa ideia, Rebeca. – Disse ele, que se virando para Max, abraçou-o forte e então disse. – Dê um olá para o seu irmão. E Joe, foi um prazer conhece-lo. E olhando para Kevin disse: — Foi bom revê-lo garoto!

— Espere! – Pediu Max ao rapaz, e se dirigindo a Aramil, perguntou. – Quanto a eles em relação a mim, Joe, Kevin e tudo mais, eles se lembrarão de nós?

O elfo da luz respondeu:

— Se for desejo de vocês, poderei fazer com que as lembranças permaneçam intactas.

— É claro que sim! Faria isso? – Falou Joe.

— Sim. É o mínimo que poderia fazer por nos salvar das trevas.

— Bom, então até algum dia amigos! – Falou Rebeca que, dando o seu pingente da invisibilidade, o frasco da cura instantânea e as vestes e armas de cavaleiro de Martin para Aramil, acenava de mãos dadas com seu amor passando pelo portal com a mochila volumosa.

Gomo e Dodge se aproximaram de Max, Joe e Kevin e disseram:

— Nunca iremos esquecer de vocês jovens guerreiros!

— Com certeza, meus jovens! – Falou o elfo. – Rock, por gentileza, traga os pertences deles.

— Garad, Morgana, Malvo, Kira, todos vocês, foi um grande prazer conhece-los. – Disseram os garotos.

Naquele instante ele voltou com as mochilas com diamantes e deu aos garotos.

Então eles deram as armas do poder e disseram se despedindo:

— Então adeus povo de Lumuslândia!

— Adeus! – Respondiam todos com alegria acenando para os garotos. As fadas rodopiavam pelo ar, as ninfas jogavam pétalas de rosas perfumadas no chão. Todos os habitantes pareciam felizes e contentes.

Assim os garotos passaram portal adentro.

O elfo olhou para Morgana e perguntou:

— E quanto a vocês dois, gostariam de voltar para casa?

— Mas é claro, senhor! – Falou a garota.

Malvo contente perguntou:

— Papai vai estar lá?

Aramil respondeu, explicando:

— Com certeza! Vocês voltarão para o tempo antes de seu pai e os mineiros acharem a porta para o salão de relíquias.

— Pode deixar senhor, não iremos deixar que aconteça novamente, tenha certeza disso. – Falou Malvo, num tom de satisfação.

E então os dois irmãos passaram pelo portal contentes e ansiosos para reverem seu pai, dando adeus a Aramil e ao povo de Lumuslandia num alegre aceno de despedida.

O ARMARINHO SOB A ESCADA

No mesmo momento em que eles passavam pelo portal de Cronos, Guto estava em seu quarto aguardando ansiosamente pelo regresso de seu irmão.

Então a porta se abriu e Samantha entrando, disse:

— Garoto, já faz um tempão que você não sai desse quarto. Venha aqui conosco tomar um suco com sanduiche natural, você deve estar com fome.

— Martin me prometeu que traria meu irmão de volta. — Falou. — Sabe, tenho medo de eles terem se perdido naquela mina abandonada para sempre.

— Precisa ter fé Guto assim como eu estou tendo, sei que eles acharão o caminho para casa. Agora venha! Max não gostaria nada, nada de vê-lo assim.

Suri então chegou correndo no quarto e falou, ofegante:

— Pessoal, venham logo! Está acontecendo alguma coisa muito estranha lá embaixo.

Os dois seguiram a garota pelo hall da casa, descendo as escadas rapidamente.

— É esse armário debaixo da escada. — Falou. — Parece ter algo tentando sair dele. Não Guto, espere!

Ao abrir a porta, todos tiveram uma incrível surpresa. Os garotos surgiram repentinamente num clarão ofuscante dentre as bugingangas do armarinho.

— Max, Joe, como foram parar aí? – Perguntou Samantha, abraçando-os com um sorriso no rosto.

— É uma longa história! – Respondeu Kevin aparecendo logo em seguida.

Samantha ao ver o irmão até então desaparecido, derramou lágrimas de felicidade de seus olhos azuis ao vê-lo em sua frente. Logo Guto abraçou seu irmão também e disse contente:

— Quanta saudade, mano! E você também Joe, que bom vê-los novamente.

Todos festejavam a volta dos três garotos a casa. Nico veio da cozinha dar as boas-vindas, Bruno estava muito feliz, as meninas os abraçavam fortemente.

— Max, eu senti muito sua falta! – Dizia Suri deixando-o sem ar.

Naquele instante, o garoto ficou corado e felicíssimo ao ouvi-la dizer aquilo, e foi aí que tomando coragem disse a ela:

— Suri, eu sempre gostei de você.

— Já sabia seu bobinho! Só estava esperando escutar isso de você. – E então segurou suas mãos olhando seus olhos fixamente.

— Pessoal! Vocês não esqueceram de alguém? – Perguntou Samantha, se recompondo, aos três. – Onde está o Martin?

— Decidiu voltar para o seu tempo de juventude com Rebeca. – Responderam.

— Como assim, seu tempo? — E quem é Rebeca?

— Como dissemos antes, é uma longa história! – Responderam retirando as mochilas. – Mas agora veja só o que trouxemos.

E abrindo-as, mostraram os diamantes que continha dentro delas. Guto e os outros ficaram boquiabertos ao ver tantos.

Max falou:

— Nós resolvemos repartir uma parte para cada um. Agora vamos até a sala, queremos contar tudo o que vivenciamos a vocês.

— Mas antes precisamos comer um pouco, estamos exaustos e famintos. – Disse Joe indo à cozinha para preparar um lanche. – Espere! Quanto tempo nós estivemos fora?

— Faz umas doze horas que estamos esperando por vocês. – Falou Samantha. – Para nossa sorte seus pais ainda não voltaram de viagem.

— Nossa, como o tempo passa devagar lá. — Refletiu.

Kevin, olhando para sua irmã falou:

— Não vejo a hora de rever nossos pais, mana!

E então a campainha tocou.

— Só pode ser eles. — Falou Guto ao irmão. — E agora, o que iremos dizer?

— Irão achar que ficamos loucos se contarmos a verdade. — Falou Joe olhando para o amigo.

— O que acham se contarmos que fizemos uma festa do pijama? — Sugeriu Samantha.

— Genial! Afinal, de certa forma foi. — Falou Suri. — Mas, e quanto aos diamantes?

Então respondeu Max sorrindo:

— A gente dá um jeito!

E assim atenderam a porta.

Passaram-se cinco anos depois daquele dia. Max e Suri já estavam namorando sério. Enquanto ele cursava Arqueologia, Suri estava cursando Educação Física e dava aulas de arco e flecha aos sábados no acampamento Pégaso, como voluntária. Samantha cursava Jornalismo, no exterior. Kevin, Guto e Nico participavam de uma equipe de escoteiros no acampamento. Joe era guia turístico e havia ido numa excursão na floresta amazônica.

Numa sexta-feira à noite, Max voltava com Suri do cinema quando seu celular tocou:

— Alô! Aqui é a Samantha.

— Alô, que saudades! Como vai?

— Estou bem, Nova York é realmente muito bonita. E Kevin, como está?

— Está ótimo. Ele se tornou um excelente escoteiro.

— Tenho novidades!

— E quais são?

— Conheci um garoto na faculdade. Resolvemos passar o próximo domingo aí com vocês, tudo certo?

— Claro! Vou avisar o Guto e os outros. Estaremos esperando sua chegada! Olha, a Suri está te mandando um abraço.

— Outro para ela! Então até domingo. Tchau!

— Um abraço e até logo!

Após, ele ligou para o seu amigo. O telefone tocou, tocou e ninguém atendia.

— Ué! Ele não atende. – Disse ele olhando para Suri — Bom, vou deixar um recado na caixa postal.

Com isso, os dois continuaram sua caminhada de mãos dadas até chegarem a suas casas.

A GRUTA DA LAGOA

Era num sábado de manhã quando Joe acordou ainda cedo e avistou o recado de seu amigo no celular. Saindo de sua barraca donde acampava com seus colegas numa parte da mata, foi dar uma volta aos arredores daquele ambiente verde e vivaz onde lembrava muito seus momentos com Aisha.

O dia estava ensolarado e muito bonito onde os raios do sol resplandeciam no horizonte avermelhado. Dentre as árvores, ele caminhava quando uma leve brisa bateu em seu rosto pensante e ao virar-se para trás avistou uma pequena gruta próxima a uma lagoa cristalina.

Curioso, foi até lá conhecer a água pura que contagiava quem avistava, entrando para nadar um pouquinho nela. Era um lugar de paredes frias e com o chão inundado pelas águas da lagoa. Joe ficou lá por uns instantes refletindo sobre sua amada e os momentos que tiveram juntos. As árvores, a lagoa, faziam lembrar muito dela. Então ele saiu caminhando lentamente e cabisbaixo dentre os arvoredos quando uma voz de tom suave ecoou seu nome ao longe.

— Espere! Joe, aqui!

O garoto reconheceu aquela voz e sorriu levemente no canto dos lábios. Pensava se era um sonho ou se era realmente real ver Aisha saindo daquela gruta que estava a deixar.

Então correu em disparada até a gruta novamente e assim cara a cara com Aisha, beijaram-se e abraçando-a calorosamente, falou:

— Senti tanto sua falta, meu amor!

— Eu também. — Disse emocionada. — Foi seu coração que me guiou até aqui.

— Não entendo. Você caiu num buraco negro imenso, não me dava sinal de vida, eu a chamava tantas vezes da última vez que nos vimos.

— De alguma forma, no buraco onde cai ouvi seus pensamentos chamando por mim e foi essa voz que me trouxe até esse lago onde fiquei um bom tempo por lá quando, olhando para a margem do lago, vi seu reflexo nas bordas da água, sorrindo para mim. Então arrisquei seguir meu instinto e entrei no lago e nadando ao fundo acabei achando um túnel nas águas que me trouxe diretamente até essa gruta onde encontrei você.

— Foi como Aramil me disse.

— O que ele disse?

— Que haveria um momento em que nós dois nos reencontraríamos novamente.

E Aisha olhando para os lados perguntou:

— Aqui é o seu mundo? Ele é tão bonito e fascinante!

E juntos caminharam até o acampamento onde ele a apresentou para seus amigos e então a disse:

— Amanhã irá comigo reencontrar nossos amigos.

Naquele sábado foi um dia de grande alegria aos enamorados.

Ao amanhecer, Joe informou ao seu professor de Turismo sobre sua visita a seus parentes distantes e que voltaria daqui a alguns dias.

Enquanto isso, Max e Suri estavam fazendo umas comprinhas para o encontro com eles. Já haviam comentado com Guto, Kevin e Nico. Seria um churrasco no quintal de sua casa, bem tradicional.

Os seus pais e de Guto cederam a casa para o domingo, pois já tinham combinado de acampar com os Donatos naquele mesmo final de semana.

Enquanto isso, na casa de Kevin...

— E aí, cara, deve estar ansioso para rever sua irmã, não é?

— Muito mesmo, Guto. – Respondeu. – É pessoal, só faltam algumas horas para ela chegar agora.

— Vamos lá para casa. Nossos irmãos podem estar precisando de nós para organizar o churrasco. – Sugeriu.

— Só um instante! Deixa só eu pegar o presente que comprei pra Samantha.

COMO TUDO TERMINA

O sol se escondia dentre as nuvens densas daquela tarde em Preciosa, eram cinco horas, estavam quase todos no quintal da casa de Max quando a campainha soou:

— Ding! Dong!

— Devem ser eles. — Disse Suri contente, correndo abrir à porta ao deixar um espetinho em cima da mesa.

A garota espantou—se:

— Minha nossa! Martin, é você mesmo?

— Sim. Eu e a Rebeca. Trouxemos o Hugo, lembra?

— É claro que sim! Que bom vê-los meus amigos. — Falou a garota, abraçando-os alegremente.

— Vamos entrando, os outros estão lá no quintal conversando e comendo aperitivos. Vai haver um churrasco logo.

Martin não estava muito diferente, exceto pela idade, estava vestindo um abrigo verde escuro e sapatenis. Rebeca tinha a mesma idade que seu marido, estava com seus cabelos mais curtos e vestia uma saia violácea com uma camiseta rosa e tamancos pretos. Já Hugo havia emagrecido, vestia terno escuro com uma gravata roxa de bolinhas brancas.

— Olá Max, quanto tempo! Este é o Hugo sobre o qual comentei.

— Prazer em conhece-lo.

— Igualmente.

Suri, puxando algumas cadeiras, ofereceu a eles para se sentarem.

— Que bom te ver! – Chegou de repente Guto correndo para abraçar seu amigo.

Logo apareceram Nico e Kevin que também deram as boas-vindas aos três convidados.

— Cadê a Samantha? – Perguntou achando já ter chegado.

Rebeca lembrando respondeu:

— Ah sim, ela vai chegar com o Marcos daqui a pouco.

— Quem é esse? – Interrogou a irmã de Nico.

— É nosso filho. – Respondeu Martin. – Eles estão namorando já faz algum tempo.

— Ding! Dong! – A campainha tocou novamente.

O anfitrião foi até a porta e abriu, levando um susto ao fitar o visitante.

— Oi amigo!

— Aisha. Mas..., mas como? – Perplexo perguntava o garoto, não acreditando no que via a frente.

Um chamado veio da calçada:

— Me dá uma mãozinha aí, cara! As malas estão pesadas.

— Joe, você recebeu minha mensagem. – E virando-se para Aisha falava. – Que doideira. Você está viva! Que felicidade! Nossa, acho que ainda não consegui acreditar.

— Eu e Aisha vamos explicar tudo, não é amor? Agora, cadê o resto do pessoal?

— Vamos entrando. Só falta a Samantha e o Marcos.

— Marcos? – Perguntou Joe. – Quem é ele?

— Cara, é o filho do Martin e namorado da Samantha. Ah! Eles estão aqui com o Hugo.

— Que ótimo! Vamos lá então, eu estou com muitas saudades de todos eles!

Passaram-se algumas horas e então finalmente Samantha e Marcos chegaram e apertando a campainha, aguardaram. Samantha, assim como Joe, não mudou muito em sua aparência. Marcos era igual ao seu pai, exceto pelos seus olhos que eram como os de sua mãe.

— Mana, quanta saudade! – Falou Kevin abraçando—a com o seu presente em mãos quando Suri abriu a porta. – Tome! Tenho algo para você. Abra!

— Um amuleto! Que lindo. Muito obrigada! – Agradeceu-o, abraçando seu irmão.

— Ah! Mano, esse é meu namorado.

— Tudo bem com você? Sua irmã fala muito de ti. É o talismã de Hórus, é uma réplica ou um artefato? – Indagou Marcos ao garoto ao cumprimenta-lo.

— Isso mesmo, eu comprei na loja de artefatos antigos do Mustafá.

— Este é o Marcos, cursa Arqueologia. – Respondeu.

Suri interrompeu a conversa cumprimentando os dois:

— O Max também cursa Arqueologia.

— Poxa! Que coincidência. – Disse Samantha.

— Entrem! – Convidou virando seus cabelos ruivos ao voltar para o quintal. — Seus pais já estão aqui Marcos.

Aquela tarde foi única para todos. Cada um contou sobre o que fez durante os anos que estavam separados. Das novidades que tinham a contar quando estavam naquela grande aventura, dos momentos felizes, tristes, difíceis e inesquecíveis que vivenciaram durante a jornada.

Tiveram a ideia de voltar uma última vez na entrada da mina abandonada depois do churrasco para uma despedida final. Então entrando todos de acordo, ao terminarem o churrasco, foram até lá.

No caminho, Hugo falava sobre os planos dele e de Martin a Max e seu amigo:

— Nós pensamos em convidá-los para serem nossos sócios. Vamos construir um parque temático. E então, vocês aceitam?

— Claro! – Responderam. – Vai ser ótimo aproximar as pessoas do meio ambiente e também será uma ótima maneira de distrair a juventude além de ser uma lugar de conscientização na preservação da natureza e dos animais.

Ao chegarem à mina, viram algo totalmente incomum. A entrada havia desaparecido.

— Aonde foi parar a entrada? – Perguntava Martin surpreso. – Incrível!

— Bom isso é ótimo! – Falou satisfeito. — Me sinto mais tranquilo vendo isso assim. Parece nunca ter havido uma entrada aqui antes. Pois está parecendo apenas um amontoado de rochas.

— Tem razão, Max. — concordaram.

Com isso, todos deram meia volta comentando sobre o que acabaram de presenciar naquele instante onde com certeza era uma excelente notícia. Porque sem entrada aquele lugar que um dia trouxe perigos e desaparecimentos agora não apresentava mais perigo algum aos moradores. Contudo, todas as aventuras que eles viveram lá foram, de fato, foram reais, inclusive Lumuslandia e seus habitantes.

A história havia chegado ao fim quando um menino sentado perto da fogueira com os outros perguntou impressionado ao seu monitor:

— E isso aconteceu mesmo?

— Mas é claro! — Respondeu Mirela se aproximando de Samuca — O monitor de vocês é filho de Martin Russel e irmão de Marcos Russel.

— Agora, todos para seus dormitórios! Amanhã cedo terão aula de arco e flecha com a professora Suri Castillo. — Disse ela que sentando ao lado dele, sorriu guardando o violão e após os dois deitaram-se a luz do luar que brilhava no céu limpo e estrelado do acampamento.



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

Catálogo do Projeto Passo Fundo
www.projetopassofundo.com.br



Marcelo Bruel de Aguiar

Nascido em 1984, na cidade de Passo Fundo/RS. Graduando em Tecnologia em Sistemas para Internet, com cursos profissionalizantes de: Desenho Artístico Publicitário e Pintura, Informática, Web Design, Auxiliar Administrativo, Montagem e Manutenção de Computadores e Publicidade & Marketing dentre outros. Participou como voluntário lecionando em projetos acadêmicos e instituição carente. Foi condecorado em atividades acadêmicas e de programação. Foi condecorado pelo reitor com uma dedicatória pela excelência em ideias inovadoras, colaboração, competência e pela idealização do evento artístico Criart Ifsul: Mostra de Talentos, oficinas artísticas e culturais, onde foi aluno idealizador, voluntário e expositor. Escreve desde sua infância, publica em blogger e página de Facebook. Contador de histórias possui interesse por toda manifestação cultural. Seus textos, inicialmente, são de crônicas, contos e poemas. Agora oferece um romance como sua primeira obra publicada, "A Misteriosa Mina Abandonada" onde dedica aos seus pais e irmãos pelos quais possui imenso apreço e carinho pelo incentivo, apoio, educação e amor.

A MISTERIOSA MINA ABANDONADA

Um dia chuvoso de tempestade seguido de um rapto de um dos membros dum grupo de amigos... circunstâncias que levam a uma inesperada aventura recheada de mistérios. Embarque nessa jornada ao explorar a mina abandonada e descobrir o que esse lugar realmente esconde.



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura



Portal
Domínio Público
Biblioteca digital desenvolvida em software livre.

